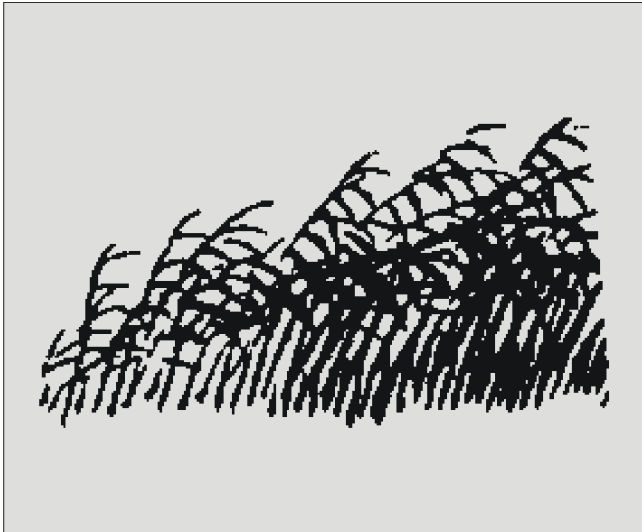


OLAIA E JÚLIO
OU
A PERIQUITA
–NOVELA NACIONAL–

Memória Literária 2



Memória Literária 2

Edição e Notas
José Américo Miranda
Norma Leles Amaral Pereira

Estudo Crítico
Maria Cecília Boechat

Faculdade de Letras da UFMG
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários
Núcleo de Estudos de Literatura Brasileira (LIBRA)
Belo Horizonte

2012

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Letras

Diretor: Prof. Luiz Francisco Dias

Vice-Diretora: Profa. Sandra Maria Gualberto Braga Bianchet

Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários

Coordenadora: Profa Leda Maria Martins

Subcoordenador: Prof. Jacyntho José Lins Brandão

Conselho Deliberativo do Núcleo de Estudos de Literatura Brasileira (LIBRA)

Prof. José Américo de Miranda Barros (Coordenador), Prof. Marcos Rogério

Cordeiro Fernandes (Subcoordenador), Profa. Cláudia Campos Soares, Profa.

Maria Cecília Bruzzi Boechat, Nilton de Paiva Pinto.

Revisão: José Américo Miranda

Norma Leles Amaral Pereira

Projeto gráfico

e editoração eletrônica: Marco Antonio e Alda Durães Ribeiro

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

O42 Olaia e Júlio, ou, A periquita : novela nacional / edição e notas: José Américo Miranda, Norma Leles Amaral Pereira ; estudo crítico: Maria Cecília Boechat. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2012. (Memória cultural, 2).
74 p.

Bibliografia: p. 73-74

ISBN: 978-85-7758-136-8

1. Ficção brasileira. I. Barros, José Américo de Miranda.
II. Pereira, Norma Leles Amaral. III. Boechat, Maria Cecília.
IV. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras.
V. A periquita.

CDD : B869.3

Apoio Pós-Lit/CAPES/PROEX.

Faculdade de Letras

Av. Antônio Carlos, 6627 - Campus Pampulha

31270-901 - Belo Horizonte - MG

Sumário

Nota introdutória	5
Crerios desta edio	7
Olaia e Jlio ou A Periquita - Novela Nacional	13
<i>Olaia e Jlio ou A periquita</i> na tradio literria brasileira	
Estudo crtico por Maria Ceclia Boechat	59
Referncias bibliogrficas	73

Nota Introdutória

O texto de *Olaia e Júlio ou A periquita*, cujo autor é desconhecido, primeiro romance-folhetim da Literatura Brasileira de que se tem notícia, foi publicado em três números sucessivos do periódico *O Beija-Flor*, em 1830, no Rio de Janeiro. Esta é a primeira reedição impressa do texto.

Os Editores

Critérios desta edição

Esta edição da novela tomou como fonte o texto publicado em 1830 no periódico carioca *O Beija-Flor*; uma versão francesa apareceu, anos mais tarde, na *Revue Française*, publicada no Rio de Janeiro entre maio de 1839 e abril de 1840. Esta versão foi consultada para o esclarecimento de algumas passagens, e isso foi registrado no rodapé.

Tendo em vista os objetivos desta primeira reedição impressa da obra, que incluem, além da divulgação, facilitar a inteligência do texto pelo leitor contemporâneo, procedeu-se à sua atualização, conforme anotado a seguir.

1. Pontuação: A pontuação, no texto-fonte, distancia-se muito do uso atual – o que nos levou a alterá-la. Foi conservada a pontuação onde julgamos reconhecer valor expressivo, ainda que afastada dos padrões atuais.

1.1. Empregos do travessão e das aspas: O discurso direto de personagem vem irregularmente assinalado no texto-fonte – ora sinalizado por travessão, ora por aspas, ora por ambos. Nesta edição, foram empregadas exclusivamente as aspas para sinalizar o início e o fim de todos os discursos diretos de personagem, reservando-se o travessão para emprego na pontuação do texto.

2. Ortografia: A ortografia do texto foi atualizada, conforme ao Acordo Ortográfico de 2008.

2.1. Iniciais maiúsculas: Consoante à ideia de dar ao texto uma feição gráfica mais atual, reduziu-se o emprego de iniciais maiúsculas. Como, em alguns casos, esse emprego tem certo valor ideológico-estilístico, optou-se por conservá-las em palavras como “Imperador”,

“Reino” e “Providência”. Inversamente, “norte” passou a “Norte”, “grão Pará” passou a “Grão-Pará”, “grão Mogor” passou a “Grão-Mogor” e “china” passou a “China”. Nos termos designativos de ordens, famílias e gêneros de espécies zoobotânicas, foram empregadas iniciais maiúsculas, ao passo que nos nomes de espécies e variedades, foram utilizadas iniciais minúsculas.

Foram feitas, também, mudanças de maiúsculas para minúsculas e vice-versa, em decorrência de alterações na pontuação.

2.2. Emprego de itálico: Foi adotado o itálico nos termos estrangeiros e latinos, assim como nos nomes científicos de espécies zoobotânicas – o que nem sempre acontece no texto-fonte. O mesmo procedimento foi aplicado ao nome do periódico *O Beija-Flor*, que vem grafado em redondo no texto.

2.3. Acentuação gráfica

2.3.1. Palavras proparoxítonas: No texto-fonte, em geral, as palavras proparoxítonas não vêm acentuadas. Todas receberam a acentuação hoje em uso.

2.3.2. Palavras paroxítonas

2.3.2.1. No texto-fonte ocorrem, sem acento, diversas palavras paroxítonas, que hoje são acentuadas. Todas receberam a acentuação hoje em uso.

2.3.2.2. Algumas palavras paroxítonas que hoje não são acentuadas aparecem acentuadas no texto-fonte. Em todos esses casos, a acentuação foi suprimida.

2.3.3. Palavras oxítonas e monossílabos

2.3.3.1. No texto-fonte ocorrem, sem acento, palavras oxítonas que hoje são acentuadas: Todas elas receberam a acentuação hoje em uso.

2.3.3.2. Algumas palavras oxítonas e monossilábicas que hoje não são acentuadas aparecem acentuadas no texto-fonte. O acento foi suprimido.

2.3.3.3. O monossílabo “pés” aparece no texto-fonte com acento circunflexo: “pês”. O acento foi atualizado.

2.3.3.4. A palavra “jamais” aparece no texto-fonte acentuada na primeira sílaba: “jámais”, ao par de “jamais”. Nos casos em que a palavra traz acento, ele foi suprimido.

2.3.4. **Acentuação em sílabas pretônicas:** Algumas palavras, no texto-fonte, trazem acento em sílaba pretônica. O acento foi suprimido.

2.3.5. **Sinal de crase:** A sinalização de crase é irregular no texto – ora é feita com acento agudo, ora com acento grave, ora inexistente o sinal; nesta edição empregou-se o sinal de crase à moderna.

Observação: A preposição “a” vem, frequentemente, assinalada com acento agudo; às vezes, grave. Nesses casos, foi suprimido o acento.

2.3.6. **Grafia de vogais:** “e”, “i” e “o”, “u” átonos. No texto-fonte, aparecem frequentemente essas vogais, tomadas umas pelas outras. Em todos os casos, a grafia das vogais átonas foi atualizada.

2.3.7. **Hiatos:** “i” e “u” tônicos que não formam ditongo com a vogal anterior aparecem no texto-fonte não acentuados. Em todos os casos, essas letras foram acentuadas.

2.3.8. **Grafia de “y”:** No texto-fonte, diversas palavras estão grafadas com “y”. Em todos os casos, o “y” foi substituído por “i”, exceto nos casos de palavras estrangeiras.

2.3.9. **Grafia de ditongos**

2.3.9.1. **Ditongos orais:** No texto-fonte aparecem ditongos grafados “ae” (“ai”); “ai” (“ai”); “áo” (“au”); “é” (“ei”); “ea” (“eia”); “eia” (“ea”); “ei” (“ei”); “eo” (“eu”, “éu”); “io” (“iu”); “oa” (“ua”); “oy” (“oi”); “ue” (“ui”). Em todos os casos, a grafia foi atualizada para as formas postas entre parênteses.

2.3.9.2. **Ditongos nasais:** “aen” ao par de “ãe”, “ai” e “ái” (“ãe”); “an” (“ão”); “õe” (“õe”). Os ditongos nasais átonos finais em formas verbais estão grafados, no texto-fonte, sistematicamente “ão” (“am”). Em todos os casos, a grafia dos ditongos foi atualizada para a forma posta entre parênteses.

2.3.10. **Tritongos:** “oae” (“uai”). Atualizou-se a grafia para a forma posta entre parênteses.

2.3.11. **“h” inicial:** O “h” inicial foi eliminado ou acrescentado nas seguintes palavras: “à” (“à um tempo”), “abilitar”, “astea”, “he” (“é”), “hombro(s)”, “hum(a)”, “humidade”.

2.3.12. **“h” intervocálico:** Foi suprimido em todas as palavras em que ocorria.

2.3.13. **“h” nos encontros consonantais “ph”, “th”, “xh” e “nh”:** No primeiro caso, o dígrafo foi grafado “p”; no segundo, “t”; no terceiro, “x”; e, no caso de “nh”, quando equivalente a “n”, foi grafado apenas “n”.

2.3.14. **“h” nas desinências verbais de formas do futuro com pronome mesoclítico:** Foi suprimido o “h” em todos os casos.

2.3.15. Grafia de consoantes

2.3.15.1. **Consoantes duplicadas:** “cc”; “ff”; “gg”; “ll”; “mm”; “nn”; “pp”; “tt”. Todos os casos foram simplificados.

2.3.15.2. **Consoantes mudas:** “c”; “g”; “m”; “p”. Em todos os casos, as consoantes foram suprimidas.

2.3.15.3. **Grafia de consoantes:** “c” (“s”); “c” (“ss”); “c” (“sc”); “c” (“z”); “ç” (“s”); “ç” (“z”); “g” (“j”); “k” (“c”); “m” (“n”); “r” (“rr”); “s” (“x”); “s” (“ss”); “s” (“z”); “ss” (“c”); “ss” (“ç”); “ss” (“s”); “ss” (“sc”); “x” (“ch”); “x” (“s”); “z” (“ç”); “z” (“s”); “z” (“x”). Em todos os casos, as consoantes foram grafadas na forma indicada entre parênteses, sempre de acordo com a norma atual. No caso de “s” inicial, no grupo “sc”, a consoante foi suprimida.

2.4. **Apóstrofo:** Foi suprimido o apóstrofo em “d’aquillo”, “d’ella”, “d’esta(s)”, “d’hum(a)”, “d’outro”, “n’este” e “n’hum(a)” ; mantido nos demais casos.

2.5. **União e separação de palavras:** Adotou-se o critério hoje em uso.

2.6. **Grafias antigas:** “A manhã” (“amanhã”); “manhaã”; “manhã”, “irmã”. Essas grafias foram atualizadas.

2.7. **Interjeição: “O” (“Ó”).** A interjeição foi grafada na forma indicada entre parênteses.

3. **Notas ao texto:** Foram registradas em rodapé as numerosas gralhas tipográficas e os erros óbvios. Foram comentados alguns dos casos, por indicarem potencialmente alguma tendência do autor (desconhecido) do texto ou por alguma outra razão que se julgou pertinente. Também foram para o rodapé formas linguísticas que, dada a quantidade de erros tipográficos do texto-fonte, foram julgadas possíveis cochilos tipográficos. Outras formas, aparentemente anômalas, mas para as quais se encontrou justificativa estilística ou expressiva, foram mantidas no texto e apenas comentadas no rodapé.

4. **Divisão do texto em partes:** Foi respeitada a segmentação do texto, assinalando-se os pontos em que ele se interrompe, para continuar em outro número do periódico. A paragrafação foi mantida; e os parágrafos, numerados.

OLAIA E JÚLIO

OU

A PERIQUITA

—NOVELA NACIONAL—

Prólogo

1. Quando eu visitava as províncias do Norte do Brasil, aconteceu que uma medonha trovoada, já armada, me obrigou a correr com os olhos as campinas¹ vizinhas à estrada, para buscar asilo. O distrito era dos mais pingues do Brasil, e vários engenhos ou fazendas² estavam à vista: escolhi, como era de razão, o edifício de melhor aspecto; e uma carreira em uma avenida tirada a cordel – que não desmereceria se³ a comparassem com as melhores da Europa, seja pela perfeição do nivelamento, seja pelo arruado⁴ das nogueiras da Índia⁵, novamente prantadas⁶ e iguais no siso⁷, e viçoso⁸ – me levou até o patamal⁹ da casa do dono, de nova construção¹⁰, e

¹ No texto-fonte: “ao campinhas”. No parágrafo 27 aparece a palavra “campina” e, no 38, aparece, novamente, a palavra “campinhas”.

² No texto-fonte: “fazenda”.

³ No texto-fonte: “desmereceria-se”.

⁴ No texto-fonte: “aruado”. Temos no poema *O Uruguai* o emprego da palavra “rua” no mesmo sentido: “A terra sofredora de cultura / Mostra o rasgado seio; e as várias plantas / Dando as mãos entre si, tecem compridas / Ruas, por onde a vista saudosa / Se estende, e perde.” (Canto IV, versos 47 a 51).

⁵ No texto-fonte: “Iudia”, com o “n” invertido.

⁶ “prantadas”: forma antiga de plantadas, ainda hoje usada na língua vulgar. “novamente prantadas”: entenda-se “recentemente plantadas”.

⁷ Entenda-se: iguais na idade ou no tamanho.

⁸ “viçoso”: o adjetivo pode referir-se ao “arruado”. A avenida é que conduz o narrador ao patamar da casa, o que nos levou, para maior clareza do texto, a colocar entre travessões toda a comparação da avenida aos padrões europeus. Outro entendimento: “iguais no siso e no viço”; o adjetivo “viçoso” estaria no lugar do substantivo “viço”.

⁹ “patamal”: o mesmo que patamar. Na pronúncia vulgar, ainda hoje é comum a troca do “r” pelo “l”.

¹⁰ “construção” no texto-fonte vem grafado “constucção”; na versão francesa vem *maison de nouvelle construction*.

tão elegante no desenho e simetria das proporções¹¹ que se avantajava a muitos chamados palácios, no mesmíssimo instante em que as primeiras pingas começavam a cair. Um preto de maduro e agradável¹² semblante, bem vestido e calçado, apareceu imediatamente e, chamando um lacaio, para que tomasse conta da cavalgadura, pediu polidamente que me sentasse na varanda até que fosse dar parte ao dono da casa da chegada de um hóspede. Não tardou que o dono me viesse receber. Era um jovem de menos de 26 anos, de grande ar, bela presença, e fisionomia tão expressiva e aberta, que desde o primeiro momento chamava a confiança e simpatia. Depois de me oferecer a casa e de mandar vir refrescos, com a costumada hospitalidade patricia, travamos a conversação que virou naturalmente sobre os interesses políticos do país. Meu hóspede¹³ se expressava com grande facilidade e eloquente singeleza: a conformidade das nossas opiniões sobre política estreitou em bem pouco tempo o conhecimento de tão fresca data; quando nos vieram chamar para jantar, já éramos íntimos. Achamos na sala, digna da casa e da lauta e delicada mesa que nos esperava, uma jovem senhora que o dono me apresentou como sua mulher. Devo confessar que fiquei mudo com a admiração; jamais vi um par tão bem sortido. A lindeza e mimosidade das feições da jovem senhora eram realçadas por uma expressão de modéstia que nada tirava à suavidade e, como dizem os italianos, *morbidezza*¹⁴ dos gestos, prenda privativa das brasileiras; um característico, assaz raro nos países

¹¹ No texto-fonte: “porporções”.

¹² No texto-fonte: “agravel”.

¹³ “hóspede”: forma hoje obsoleta de hospedeiro. Em *Iracema*, José de Alencar emprega a palavra “hóspede” com os dois sentidos (o que é recebido e o que recebe): “Araquém nada fez pelo seu *hóspede*; não pergunta donde vem e quando vai. Se queres dormir, desçam sobre ti os sonhos alegres; se queres falar, teu *hóspede* escuta.” (destaques nossos). Cf. em Gladstone Chaves de Melo, *Alencar e a “língua brasileira”*, 1972, p.110.

¹⁴ Entenda-se: delicadeza ou suavidade.

quentes, aumentava o valor duma fisionomia que respirava a candura e benevolência. Seus olhos, do azul mais fechado, obumbravam-se por longas pálpebras pretas, sendo as sobrancelhas e cabelo da mesma cor, em abono da brancura transparente da pele, que a mais fina *lady* houvera¹⁵ de invejar se as faces fossem algum tanto mais coradas. Eu achei que esta mesma palidez a tornava mais interessante: e não suponham que a riqueza dos ornatos ajudassem¹⁶ para a ilusão, pois que o traje era demasiadamente simples e constava unicamente de um vestido cor-de-rosa esmorecida, com uma cinta azul claro; por única joia ela trazia ao pescoço um cordelzinho de cabelos com um coraçõzinho de coralina. Eu noto estas circunstâncias, porque soube ao depois que não eram devidas ao acaso.

2. Durante o jantar as atenções e desvelos dos dois esposos se dirigiam ao hóspede; eles se tratavam um a outro com grande respeito e reserva; mas um observador menos experto do que eu não poderia deixar de notar o profundo sentimento que os unia. Qualquer movimento, olhada, palavra o patenteava. Particularmente a senhora, quando pensava que a não observavam, deixava de comer para contemplar o marido: a voz deste, quando se dirigia à mulher, respirava uma inefável ternura. Enfim, o meu apetite de viajante nos sertões, desafiado por iguarias em que um cozinheiro francês tinha apurado o talento, cedia à admiração, e eu, de vez em quando, esquecia o meu prato para o espetáculo de uma união tão perfeita.

3. Com a sobremesa, uma ama de leite robusta, sadia e risonha apareceu levando ao colo uma criança de quase dois anos, tão mimosa e galante como o devia ser o fruto de um tal consórcio. A

¹⁵ No texto-fonte: “houveria”. O pretérito mais-que-perfeito do indicativo – houvera – tem valor, nesta passagem, de futuro do pretérito do indicativo – haveria. Talvez o autor tenha hesitado entre as formas “houvera” e “haveria” – o que explicaria a grafia mista “houveria”. Optou-se, nesta edição, pela forma “houvera”, devido à linguagem literária um tanto arcaizante do texto.

¹⁶ Observe-se que o verbo concorda com “ornatos”, e não com “riqueza”.

criança, com as gracinhas da tenra¹⁷ idade, encantava o pai e a mãe e passava, a cada instante, dos braços de um para os doutros. Eu também lhe fiz os meus afagos, e esta circunstância não me mereceu pouco com ambos os esposos.

4. Quando deixamos a mesa, a trovoada tinha sido rendida por uma chuva desmedida. Sendo pois impossível sair fora a visitar o engenho, meus hóspedes me mostraram a casa, a cuja construção, ornato e comodidade o bom gosto, a opulência e o asseio, de mãos dadas, tinham cooperado.

5. Chegados ao salão das visitas, cuja mobília era de grande magnificência, observei no centro uma mesa riquíssima de mosaica¹⁸, sobre a qual via-se debaixo de vidro um vaso cheio de grande quantidade de flores,¹⁹ de penas da Bahia, no tope das quais uma periquita destas de cabeça vermelha, muito bem enchida, pousava com a cabecinha no ar, o biquinho meio aberto, e as asas algum tanto afastadas do corpo, como se ensaiasse o voo – os olhinhos eram de brilhantes; mas outra singularidade chamou logo minha atenção. O vaso, longe²⁰ de ser de porcelana²¹, como os mais que, com grande profusão, ornavam a sala, era de simples barro acinzentado²² e não diferenciava²³ no feitio e qualidade de qualquer outro pote de buscar água, sendo o tamanho próprio para as forças dum moleque de dez para 12 anos. “Aqui,” disse eu, dirigindo-me ao dono da casa, “a anomalia não vai sem mistério, e a humildade do vaso, em pedestal

¹⁷ No texto-fonte: “tenra” vem grafado “terna”.

¹⁸ “mosaica”: talvez pelo fato de a palavra “*mosaïque*”, em francês, ser do gênero feminino.

¹⁹ Devido à dificuldade de compreensão dessa passagem, a necessidade da vírgula aqui acrescentada é duvidosa.

²⁰ No texto-fonte: “louge”, com “n” invertido.

²¹ No texto-fonte: “procelana”.

²² No texto-fonte: “acizentado”.

²³ No texto-fonte: “diferenciava”.

tão precioso, encerra sua enigma.”²⁴ “Ah!”, exclamou o hóspede, “todos os diamantes do Tijuco não me pagariam este pote de barro. Nele nossas relíquias hão de dormir juntas...”, e, virando-se para a mulher, “Este anjo que vedes carregou água à cabeça neste mesmo pote...” Ela corou e deitou para o marido um olhar demorado, ao qual o pejo e a ternura davam um atrativo irresistível. O jovem ficou algum tempo absorto na contemplação da encantadora consorte, até que se dirigiu outra vez a mim: “Seria”, disse ele, “falta de generosidade e de criação o querer despertar a curiosidade dum hóspede sem dar-lhe satisfação; hoje mesmo estareis ao fato da²⁵ nossa história; minha Olaia,” continuou ele, “não cores outra vez; a narração da boa ação à qual devemos nossa felicidade é digna de ser publicada e de servir de prova que algumas vezes a virtude recebe na terra o seu prêmio.”

6. Com efeito, às horas de se deitar, o meu hóspede me confiou um manuscrito assaz volumoso, que devorei durante a noite, e do qual, com licença do dono, eu tirei uma cópia. Não o posso dar por inteiro ao público, sendo comprido em demasia; mas julgo que o resumo que dele fiz será digno de atenção dos meus leitores.

²⁴ “sua enigma”: talvez pelo fato de a palavra “*énigme*”, em francês, ser do gênero feminino.

²⁵ “ao fato da”: talvez do francês “*se mettre au fait*” – tomar conhecimento de.

OLAIA E JÚLIO

7. “Vamos laçar o sapo”, gritava um menino de 12 para 13 anos, montado num sendeirinho muito esperto. “Vamos laçar o sapo”, ecoavam outros dois meninos mais moços,²⁶ a pé, e meia dúzia de moleques de todos os tamanhos, enquanto sete ou oito rafeiros magros acompanhavam esta nova espécie de caça com horrenda ladraria.

8. A miserável criatura assim acometida não era bicho, mas sim uma criança; verdadeiramente ela dava alguns ares de sapo. A barriga muito inchada, a cabeça quase pegada aos ombros, e igualmente entumecida, as pernas e braços nimiamente descarnados, e terminados por delgadíssimos dedos, faziam lembrar a grosseira construção do tal bicho, ajudando a cor lívida e os olhos escanchados com o medo para a semelhança.

9. Isto se passava no largo duma grande e opulenta fazenda, nos sertões do Ceará. O menino caçado, hidrópico e obstruído, assim mesmo tinha, no seu terror, achado forças para fugir até se encostar à parede da casa; mas lá caíra no chão arquejando; o estado da fortuna não se avantajava muito ao da saúde: uma camisa d’algodão de tecido sertanejo e ceroulas do mesmo pano completavam o seu traje, assaz sujo. Entretanto, todos os inimigos, rapazes e cães, o cercavam com grande alarido, e já o chefe do bando endiabrado dava ordens a um pardinho de lhe ir buscar o seu laço.

²⁶ Como se verá adiante, esses “dois meninos mais moços” são irmãos do menino maior – e recebem tratamento distinto dos outros, chamados de “moleques”. Mais adiante, será dito que são de “cor negra ou acafuzada” – um deles será chamado de “pardinho” e receberá ordens do “chefe”. Fica clara, na linguagem, a hierarquia social.

10. Este chefe, montado no sendeirinho, era menino bem parecido, mas sua fisionomia denotava soberba e atrevimento. Ele estava completamente vestido de preto, como em dia de função, com sua casaquinha, colete, calças, botins e pesadas esporas de prata; não lhe faltavam a tira de renda patrícia e a gravata de cambraia. Os outros dois meninos, irmãos daquele, ainda estavam de timão, e os moleques, nus em couro, de cor negra ou acafuzada, como a natureza lhos pintara, à exceção que os mais velhos traziam ceroulas ou langotins.²⁷

11. Neste comenos uma menina de onze para doze anos saiu pela porta da cozinha, pois que a cena tinha lugar nos fundos da casa, cuja entrada principal se achava no lado oposto. “Maninho,” gritou ela ao pequeno cavaleiro, “papai já está em sela e procura você para marchar, que já é tarde. E vós,” continuou ela, falando aos meninos mais moços, “ide vos vestir, a mãe os chama há uma hora; o carro já está à porta para nos levar todos ao casamento da prima.” “Vai bugiar, tola...”, foi a primeira resposta que deu o irmão; assim mesmo ele parou e falando à sua tropa em tom de general absoluto: “Pois bem. Não há tempo de acabar hoje. Amanhã o hei de²⁸ laçar. Maninhos, vão se vestir. Moleques, retirai os cães. E ninguém lhe toque se não quer ter negócio comigo: vamos.” E ele a todo galope disparou para dar a volta à casa; os irmãozinhos²⁹ entraram pela porta da cozinha; e o³⁰ bando de moleques e cães correu após o sendeiro, numa nuvem de poeira, com bramidos e latidos.

12. “Quem é você?”, disse então em meiga voz à pobre vítima a tal menina. Mas o menino, quase desfalecido, com medo e cansaço, mal pôde responder com ais e gemidos. “Coitadinho,” prosseguiu ela, “em que estado está! Fique sem susto. Você há de ter sede. Quer

²⁷ “langotins”: o mesmo que “tangas”.

²⁸ No texto-fonte: “A manhã o hei de de laçar”.

²⁹ No texto-fonte: “irmanzinhos”.

³⁰ No texto-fonte: “eo”.

beber algum leite.” O menino respondeu com a cabeça que sim; e a pequena, correndo para a cozinha, voltou bem depressa, segurando com ambas as mãos uma grande cuia, toda cheia de leite, com farinha e rapadura. O pequeno pareceu ressuscitar à vista do leite e, atirando-se a ele, bebeu e comeu juntamente a benfazeja mistura. A menina o considerava com ar de satisfação e interesse. Tendo acabado o leite até a última pinga, o pequeno, já voltado em si, levantou os olhos para encarar a benfeitora que o salvara das mãos³¹ dos cruéis perseguidores e o restaurava com a deliciosa beberagem. Mas uma superstição³² bem própria de quem tinha sido educado por uma mãe beata e um padre santarrão fez-lhe imaginar que um socorro vindo tanto a tempo e o ente amável que o levava tinham alguma cousa de sobrenatural; e, pondo-se de joelhos, exclamou: “Ó meu anjinho bom, tende piedade de mim!” Verdadeiramente os anjos não se pintam mais bonitos e de fisionomia mais afagável³³ do que o era a tal menina, com a sua carinha redonda, sua boquinha risonha, seus olhos azuis, com sobrancelhas pretas, e cabelos da mesma cor, que caíam nos ombros; o vestidinho era cor-de-rosa, com cinta azul; esta circunstância não ajudou pouco para a ilusão do menino, pois que na casa da mãe havia um quadrinho que representava um anjo neste traje, e a criança de manhã e de noite tinha sido ensinada a rezar de joelhos perante aquela³⁴ imagem.

13. A pequena, sorrindo-se e suspirando ao mesmo tempo, lhe disse: “Alas,³⁵ eu não sou anjinho, sim uma desgraçada menina, pois que minha mãe não gosta de mim!” “Ah!”, respondeu ele, “Vós ainda tendes pai, mãe, irmãos e uma bela fazenda com muito gado e muito leite. Eu já perdi tudo: sou um pobre menino órfão, abandonado, que não conhece ninguém, que ninguém ama, que

³¹ No texto-fonte: “dasmãos”.

³² No texto-fonte: “superestição”.

³³ Criação neológica sugestiva de afeto? Talvez “afável”.

³⁴ No texto-fonte: “aqnella”.

³⁵ Possivelmente do francês “hélas!”, que quer dizer “ai de mim!”, “pobre de mim!”

morre de fome e de doença.” Ele então principiou a lhe contar que se chamava Júlio da ... que seus pais habitavam a vila de ... arredada mais de trinta léguas nos sertões, aonde eram assaz abastados, com seus escravos e boa porção de gado. Mas as secas, a morte dos escravos e as demandas pouco a pouco os tinham feito definhar, até que o pai morrera de mágoa e a viúva ficou com o filhinho em um estado bem perto da miséria. O vigário do lugar, homem ancião e de conduta evangélica, tinha-a socorrido até a época em que as saudades do marido a levaram à sepultura, passando então o menino para a casa do bom padre, que lhe consagrou todo o amor de pai. Mas as repetidas secas tendo feito desertar a vila, e o velho padre tendo ficado cego, ele no fim da vida não teve para viver junto com o pupilo senão as esmolos d’algumas famílias de cabôculos³⁶ e pretos libertos, que não tinham ainda desamparado o lugar; mas o padre não durou muito, e os ausentes passaram mão dos pobres trastes do defunto, fecharam³⁷ a casa a chave e puseram na rua o menino, atacado de sezões e já com princípios d’hidropisia. Este tinha ido, à graça de Deus, através os³⁸ sertões queimados, sustentando-se com aquilo que lhe davam por caridade nas choupanas que topava e com coquinhos de licoriseiras³⁹, frutinhas de pomba, alguns cajus e outras cousinhas que encontrava; porém,

³⁶ No texto-fonte: “caboculos” – forma antiga, documentada como “cabocolo”, de “caboclo”.

³⁷ No texto-fonte: “feicharão”.

³⁸ Em português “através” vem sempre seguido por “de” – seu emprego sem a preposição “de” é provável galicismo, como explica Laudelino Freire (Anotações, 1921, p. 159-160): “Em escritores menos cuidadosos ou despreocupados do que lhe sai da pena, depara-nos o emprego do advérbio *através*, a que alguns dicionaristas chamam locução adverbial, em lugar de locução prepositiva *através de: através o século, através o vidro, através a multidão*, em vez de *através do século, através do vidro, através da multidão*. Tal uso é inadmissível porque não é próprio da nossa língua. Próprio é ele da francesa, onde a locução prepositiva *à travers* nunca pede a preposição *de*, exceto se o *de* for partitivo”.

³⁹ “licoriseiras”: palavra não dicionarizada.

cada vez mais as doenças pioravam⁴⁰, de forma que chegou à fazenda aonde achou os pequenos caçadores em grau de inchação quase desesperado. “Ah! Coitadinho! Coitadinho!”, exclamou a menina torcendo as mãozinhas, “e o maninho ainda por cima o ia laçar! Ah se eu não chego você morria decerto. E o pior⁴¹”, acrescentou ela com tom triste, “é que você aqui não está seguro; amanhã ou depois havemos de voltar e o mano o há de laçar, pois que ele faz tudo o que quer e é muito mau! Por força você há de se ir embora! Mas assim! Sem nada pra comer e tão doente! E eu que não tenho nada para lhe dar. O mano tem muito dinheiro e muita cousa bonita... mas eu... entretanto, espere um pouco...” E ela foi correndo para a cozinha e voltando no fim de alguns minutos com uma periquita, dessas de cabeça vermelha, no ombro, uma pataca na mão e um saquinho de chita dependurado no braço. “Aqui tem,” disse ela, “neste saco, farinha e rapadura: depois de comê-lo, esta pataca servirá para comprar mais alimento durante muito tempo; e, por fim, poderá vender esta periquita tão bonita.” As emoções das crianças são mui fortes, mas instantâneas; elas sem transição passam dos choros às gargalhadas, do último desespero à maior satisfação. Isto é o que aconteceu ao menino ao ver tantos presentes dados por uma menina tão caritativa como bonita. Mas um sentimento de boa criação o fez recusar o dinheiro e a ave. A menina insistiu: “Esta pataca”, disse ela, “não me faz falta: papai ma deu para comprar doce e fitas, e hão de me dar tanto disso na boda! A respeito da periquita, a noiva ma mandou há dois dias, e ainda não lhe criei muito amor: tome sem pejo, coitado, ela o fará lembrar de mim.” “Ah!”, gritou o pequeno entusiasmado, “não preciso disto para jamais vos esquecer. Eu me lembrarei de vós como meu bom anjo, que me salvou e me encheu de benefícios; eu juro que jamais largarei esta periquita enquanto for vivo; mas vós haveis de esquecer brevemente o miserável órfão que lhe deve este restinho de vida... e que vai

⁴⁰ No texto-fonte: “peioravão”.

⁴¹ No texto-fonte: “peior”.

expirar num cantinho, abençoando a sua protetora... ao menos se tivesse alguma prendinha que lhe deixar! Ah!” disse ele desamarrando um cordelzinho de cabelo com um coraçãozinho de⁴² coralina que levava ao pescoço, “eis tudo quanto⁴³ me fica de minha mãe: este cordel é do seu cabelo; digno-se aceitá-lo. Eu logo morrerei: este cordel vos fará lembrar que a existência dum desgraçado foi prolongada por vossa angélica bondade; vós haveis de viver muito tempo e muito feliz, pois que minha mãe me ensinou que quem fazia boas ações jamais havia de ser desgraçado!”

14. A doença tinha desfigurado o menino; mas, antes que as feições inchassem, ele tinha sido mui galante. Neste momento a força dos sentimentos de gratidão e admiração tornavam a dar aos olhos a antiga expressão de candura e vivacidade, à boca o sorriso engraçado, e à voz o som agradável e penetrante dos seus dias de saúde. A menina sentiu outra emoção do que simples compaixão que um menino pobre lhe poderia inspirar! Uma alma nobre e generosa dava-se a conhecer a outra digna de a encontrar, e um instinto inexplicável de simpatia e de ternura lhe mostrava na criança tão miserável e maltratada da doença um ente que merecia ser correspondido com toda a delicadeza de proceder e atenções. “Pois bem,” disse ela enternecida e com lágrimas nos olhos, “eu aceito esta prenda e jamais a largarei. Ela me lembrará que os bens da fortuna são incertos e que Deus, como o disse outro dia o padre que orou, nunca abandona os infelizes e lhes manda socorros imprevistos; não me posso demorar mais,” acrescentou ela, “já tudo está pronto, e se fazia esperar minha mãe, tínhamos função; vá, que o menino Jesus e sua Santíssima Mãe, Nossa Senhora das Sete Dores, o empararão:⁴⁴ aqui está seu caminho; nós vamos em rumo oposto; creio bem que ficaremos estes dois dias,⁴⁵ e você pode neste

⁴² No texto-fonte: “do”.

⁴³ No texto-fonte: “quando”.

⁴⁴ “empararão”: No texto, “empararáo”. O mesmo que “ampararão”.

⁴⁵ Entenda-se: “ficaremos [fora] estes dois dias”.

tempo ir tão longe que maninho o não saberá achar; adeus Júlio! Adeus!” E ela se foi correndo, e o menino ficou imóvel e sem fala no mesmo lugar, acompanhando-a com os olhos; e, quando a viu desaparecer, sentiu uma nuvem negra esconder-lhe a vista e uma opressão no coração, como se a vida o desamparava.⁴⁶ Ele ficou neste estado até que o chiar do carro o fez tornar em si!!

15. Ele então entrou com passos vacilantes no caminho que a menina lhe mostrara. O terreno ia subindo por um declive⁴⁷ pouco sensível e, tendo caminhado por um espaço de tempo, ele já por cima dos tetos pôde divisar o carro, que ascendia o outeiro oposto, pois que a fazenda era edificada num fundo regado por uma ribanceira⁴⁸ que, se bem que muito reduzida, ainda lutava contra os ardores da seca. Oito juntas puxavam a pesada máquina abrigada contra o sol por couros e toda ornada de ramos verdes e folhagens. Esta vista cativou a atenção do pequeno, que acompanhou o carro com os olhos, saudando-o com a mão até que o viu desaparecer no outro vertente⁴⁹ do outeiro. “Adeus”, exclamou ele todo choroso! “Adeus, anjo de paz e caridade!...” E virando a cabeça para a periquita, que tinha tomado posse do seu ombro: “Pobrezinha, mudastes⁵⁰ uma ama tão bonita e tão rica por um companheiro tão

⁴⁶ “desamparava”: imperfeito do indicativo usado com valor de imperfeito do subjuntivo (desamparasse). O mesmo que “desamparava”.

⁴⁷ “declive”: a palavra está, aqui, por “encosta”; o correto seria “aclive”.

⁴⁸ Entenda-se: “curso de água com barranco nas margens”.

⁴⁹ “outro vertente”: observe-se o emprego do substantivo “vertente” no gênero masculino.

⁵⁰ “mudastes”: uso de “vós” por “tu”, por analogia. Cf. Antônio de Moraes Silva: “... usamos, falando a um só, das variações verbais correspondentes a vós”. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1922. Revista de língua portuguesa [Fac-símile da segunda edição, 1813]. *Epítome da Gramática Portuguesa* (páginas I a XLVIII), tomo I, p. XVII. Também informa José Joaquim Nunes (*Compêndio de gramática histórica portuguesa* (fonética e morfologia). 6ª. ed. Lisboa: Clássica, 1960. p.281.): “À desinência *-ste*, da segunda do singular a linguagem popular ajunta freqüentemente *-s* [...]”

miserável como eu!... Mas esteja quieta! Enquanto eu viver não te há de faltar caju, cuparosa⁵¹, mangaba, ou outro qualquer manjar do teu gosto... Eu de noite e de dia hei de te mimar e te afagar... E não sentirás saudades da tua senhora, porque hei de te falar sempre dela... E eu que não sei do seu nome!... Diga-me minha rica periquita, como se chama tua amazinha!...” “Olaia! Olaia!”, pronunciou a periquita⁵², que talvez fora ensinada pela prima que queria dar mais valor ao seu presente. O prazer que transportou o coração de Júlio não se⁵³ pode expressar! “Isto é um milagre! Ah! periquita⁵⁴, meu bem, minha joia, repita sempre este nome engraçado; há de tornar a vê-la tua, e minha Olaia!!!” E ele para não esquecer o caminho, que já dava suas voltas, lembrou-se de quebrar alguns raminhos dos arbustos, que a seca tinha despido das folhas, e de depositar algumas pedrinhas nas beiras; persuadido, como criança que era, que sinais tão passageiros haviam de durar

⁵¹ “cuparosa”: Registrado como “CAPARROSA” s. f. (Do lat. med. *cupri rosa*, pelo fr. *couperose*.) 1. *Oenothera mollissima*. Erva de grandes flores amarelas que se tornam róseas. Planta com propriedades adstringentes e cicatrizantes, comum nas praias do litoral de São Paulo ao Rio Grande do Sul. (Sin. MINUANA.) [Família das enoteráceas.] – 2. *Vismea acuminata*. Arbusto de pequenas flores. [Família das gutíferas.] – 3. Designação vulgar de vários sulfatos, etc. Fonte: *GRANDE enciclopédia Larousse Cultural*. São Paulo: Universo, 1988. 8v. O verbete encontra-se no v.2, p.625-626. O autor conservou o “u” no lugar do “a” ao aporuguesar a palavra. Trata-se, evidentemente, de um arbusto, do qual, muito provavelmente, a ave comia as sementes. No *Dicionário Houaiss*: CAPARROSA. s.f. Rubrica: angiospermas. 1 arbusto (*Ludwigia caparosa*) da fam. das onagraceas, nativo do Brasil (MT, GO, MG, SP), de folhas lanceoladas, flores amarelas e frutos capsulares; a casca e os frutos fornecem matéria tintorial preta; 2 arbusto (*Oenothera mollissima*) da mesma fam., nativo do Brasil (MG, SP até RS), encontrado na areia das praias, de flores grandes, inicialmente amarelas, depois róseas, e cápsulas tomentosas; erva-minuana, minuana; 3 m.q. *joão-mole* (*Guapira tomentosa*).

⁵² No texto-fonte: “perriquita”.

⁵³ No texto-fonte: “so”.

⁵⁴ No texto-fonte: “perriquita”.

eternamente. A fortuna que principiava a favorecer o órfão fez com que logo topasse com um preto que se dirigia à fazenda, levando um grande cesto, cheio de mandioca, à cabeça, e umas espigas de milho verde na mão. O tal preto trazia por único vestido um cobertor de riscas ao redor da cintura. A fisionomia cheia de alegria e de bondade do negro animou o menino a que lhe falasse e lhe perguntasse o nome da fazenda; o preto parou e antes de responder fez também a sua pergunta: “Esta peliquita não é da senola⁵⁵ moça Olaia?” “Sim, é!...”, respondeu logo o menino, que principiou a contar tudo quanto lhe acontecera: como os meninos⁵⁶ lhe deram caça, como a menina o salvara e lhe dera tudo quanto trazia. O bom preto, ao ouvir a história, ficou todo enternecido e, depositando o cesto no chão, travou uma comprida conversação com o pequeno, contando-lhe as particularidades da fazenda e da família, os nomes de todos os sítios e de todos os indivíduos; como o sr. moço José Frederico de ... era soberbo, ousado, sem entranhas para bichos e gente; como, pelo contrário, a senhora moça mostrava-se meiga, afagável e caritativa. Ela dava quanto tinha aos pobres e se achava sempre pronta a orar a favor dos escravos e desculpá-los; que ela poupava à parceira dele, Domingos, mucamba⁵⁷ da senhora velha, uma tremenda sova, à custa de duas dúzias de palmatoadas que a mãe assentara sem piedade nas mimosas mãozinhas, por causa de uma rica porcelana da China que a preta tinha quebrado, mas da qual Olaia tomou a culpa; que, desde então, ele, Domingos, estava pronto a dar o sangue e a morrer debaixo do chicote por Olaia; que ele levava todos os recados e presentinhos⁵⁸ dela às meninas pobres da vizinhança; entretanto, uma menina tão perfeita não estava ditosa, porque a mãe, que não tinha olhos senão para o filho mais

⁵⁵ O preto troca o “r” pelo “l”. Segundo Marlyse Meyer (*As mil faces de um herói canalha*, 1998, p.338), esta seria uma reprodução da pronúncia nas Antilhas francesas, arquipélago localizado na América Central.

⁵⁶ No texto-fonte: “meuínos”.

⁵⁷ No texto-fonte: “mocamba” – o mesmo que “mucama”.

⁵⁸ No texto-fonte: “prezentinhas”.

velho, não gostava dela; e se bem que o pai não participasse da preocupação, ele não era muito ouvido na casa, porque todos os bens eram da senhora, que tinha casado com um filho do Reino que principiara por ser feitor na fazenda.

16. Cada palavra do pai Domingos gravava-se na memória de Júlio como sobre aço, nestes riscos indeléveis das primeiras noções da meninice que ainda persistem no cérebro do velho que caduca, quando todas as lembranças da mocidade e da idade madura já ficam apagadas.

17. Ao despedir-se, o preto, oferecendo-lhe a mão de milho, lhe disse: “Isto vem da minha loja; ela pala a senola moça Olaia. Como foi ao casamento da plima, há de sê para meu senozinho.”⁵⁹ Domingos foi-se com mil recomendações para Olaia e notícias da periquita; e Júlio, com seu acréscimo de riquezas, prosseguiu sua marcha com as demoras e paradas que o estado da sua saúde causava, até que, tendo andado mais de uma légua, chegou, ao pôr do sol, nas beiras da ribanceira, da qual pouco se apartara, e, achando nela um rancho de boiadeiros havia pouco tempo desocupado, com algumas estacas e tições ainda acesos, ele o escolheu para o pouso da noute. Duas espigas torradas forneceram a ele e à cara periquita uma ceia frugal e sadia, e ambos adormeceram profundamente no seio da natureza e da inocência.

18. Ambos acordaram com o raiar do sol. Júlio entrou na estrada indicada pelos rastos da boiada. O aspecto do país era assaz uniforme, com pequenas ondulações iguais, que se sucediam sem interrupção. Um vapor avermelhado ofuscava o azul do firmamento, sem nada tirar ao ardor do sol; alguns troncos⁶⁰ acanhados de

⁵⁹ Entenda-se: “Isto vem da minha roça; era para a senhora moça Olaia. Como foi ao casamento da prima, há de ser para meu senhorzinho.” No texto-fonte: “– isto vem da minha lossa; ela pala a senola moça Olaya. Como foi ao casamento da plima, ha de sê para meu senozinho.”

⁶⁰ No texto-fonte: “truncos”.

cajueiros levantavam seus braços despídos de folha, acima das touças⁶¹ de sapê meio torradas pelas anuais queimadas, destinadas a limpar o terreno, para favorecer a germinação do capim novo; porém, debalde naquele ano os peões não tinham esquecido este cuidado. As noutes tinham negado o seu orvalho; a estação das chuvas tinha passado, e, apesar de que algumas trovoadas tivessem roncado, elas se tinham desfeito sem dar uma pinga de chuva; e não havia sinal algum de verdura na imensa planície, que todo ente dotado de vida abandonara para se refugiar nos lugares aonde⁶² se podia ainda achar alguma água; uma poeira sutil e absorvente afligia os olhos e ressecava a pele e a garganta; apenas o canto d'algumas cigarras interrompia o silêncio de morte desta solidão, que teria assombrado o nosso pequeno viajante, se ele, quando chegava no cume d'algumas das ondulações do terreno, não tivesse reencontrado⁶³ com a vista a ribanceira, cujas voltas, no imenso campo pulverulento, se assemelhavam às duma fita de prata com duas orlas verdes.

19. Brevemente a calma, que à proporção que o sol subia ganhava em intensidade, o obrigou a cortar para a ribanceira, dirigindo-se a um bosquezinho de algodoeiros do mato, jaquapirões⁶⁴ e imbaíbas,⁶⁵ aos quais a proximidade d'água conservava sua viçosidade.⁶⁶

20. Ele, neste asilo, já encontrou primeiros ocupantes. A companhia era numerosa e se compunha d'espécies d'indivíduos, gentes e bichos, pertencentes a muitas nações. Na ocasião em que

⁶¹ No texto-fonte: “tocas”.

⁶² Domingos Paschoal Cegalla (*Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, 1996) comenta: “A distinção entre *onde* e *aonde*, que se firmou na língua culta atual, nem sempre foi respeitada pelos escritores clássicos.”

⁶³ No texto-fonte: “reencontrada”, concordando com “ribanceira”.

⁶⁴ Palavra não dicionarizada. Trata-se, evidentemente, de um nome de árvore.

⁶⁵ No texto-fonte: “Imbaibás”.

⁶⁶ No texto-fonte: “vicosidade”.

Júlio chegou, o grande negócio do almoço ocupava⁶⁷ a todos. As bestas descarregadas fartavam-se do viçoso capim, cuja frescura, defendida pela sombra e a umidade, contrastava com a nudez do campo; não havia precisão de as pear para as conservar no pequeno recinto da parada. Os donos comiam com grande vontade várias carnes assadas de pacas, caititus,⁶⁸ jacus, zabelês⁶⁹ e outras caças, com bolacha e boas garrafas de vinho, não faltando o café, preparado na sua competente máquina de folha.⁷⁰ A personagem principal era homem já de idade madura, de fisionomia risonha e agradável, com olhos azuis, vivos e expressivos, e rosto avermelhado; da cabeça, algum tanto calva na sumidade, descendiam sobre os ombros compridos cabelos brancos que chamavam o respeito; calça e niza⁷¹ brancas, botins de couro e chapéu do chile formavam seu traje; quatro jovens no mesmo uniforme estavam sentados à direita e esquerda do chefe. Dois peões no traje sertanejo, feito tudo à custa do couro, um cabôculo em ceroulas e dois pretos que serviam completavam o número dos entes racionais. Os bichos, além de bestas de carga e cavalgaduras, faziam ainda um maior número: dois cães perdigueiros, um caititu⁷² manso, um tatu em uma gaiola, um grande mono, dois micos, cinco ou seis papagaios esperavam com grande impaciência, soltos ou amarrados nos cofres, que repartissem com eles da abundante comida, e, por saltos ou vozes da linguagem privativa de sua espécie, chamavam sobre si a atenção dos que conviviam.⁷³

⁶⁷ No texto-fonte: “ocnpava”.

⁶⁸ No texto-fonte: “Caititús”.

⁶⁹ No texto-fonte: “Zebelês”.

⁷⁰ “máquina de folha”: utensílio feito com folha de Flandres?

⁷¹ “niza”: espécie de casaco curto.

⁷² No texto-fonte: “caititú”.

⁷³ Observe-se que o verbo “conviver” é empregado, nessa passagem, com o sentido etimológico do substantivo “convívio” (banquete).

21. No chão jaziam várias⁷⁴ peças da caça – entre aves raras, quadrúpedes e reptis –, enquanto muitos couros de toda bicharia estavam ao sol estendidos⁷⁵ a secar, e entre eles o recente duma jiboia de monstruoso tamanho, que se matara e se esfolara no dia antecedente. Os instrumentos da caça descansavam aos lados dos indivíduos ou encostados às árvores vizinhas; enfim, várias redes de apanhar borboletas, termômetros, caixotes de guardar prantas⁷⁶ e papelões para as secar e outras mil miudezas indicavam que a busca dos objetos d’história natural⁷⁷ fazia a principal ocupação daquele rancho.

22. Com efeito, essa expedição era feita à custa de um soberano d’Alemanha, amigo e protetor das ciências, que não poupava desvelos nem despesas para que desse os resultados mais satisfatórios. O dr. Williams⁷⁸ S..., célebre naturalista, grande médico e autor de vários tratados estimados, tinha sido escolhido para a dirigir, e os quatro⁷⁹ jovens colaboradores, que ele mesmo elegera para pintor, zoologista, botânico e astrônomo, tinham já dado, cada um na sua repartição, provas indubitáveis de um talento superior.

23. Se um espetáculo tão novo aos olhos de Júlio lhe causou muita admiração, a companhia perante a qual ele aparecia, com a sua periquita no ombro, não ficou menos atônita... Já pintamos o aspecto que a doença lhe tinha dado. O doutor, entre todos, esqueceu o bocado que levava à boca, para o considerar, e logo exclamou: “*Genus, Homo; espécie, americana; varietas... incognita...*”;

⁷⁴ No texto-fonte: “vazias”.

⁷⁵ No texto-fonte: “extendidas”.

⁷⁶ “prantas” – pronúncia vulgar, que deve ter originado essa grafia. Ver nota 6.

⁷⁷ No texto-fonte: “natnral”.

⁷⁸ No texto-fonte: “D. Willians”. A abreviação e a grafia da palavra “doutor” varia ao longo do texto: “D.”, “Dr.”, “Dotor”, “Doctor”, “Doutor”; uniformizou-se para “doutor” e “dr.”.

⁷⁹ No texto-fonte: “quatro”.

e, com a imaginação toda cheia dos fenômenos e monstros que as novas regiões que explorava haviam de fornecer à sua sede de descobertas, cuidou que sua boa fortuna lhe trazia um ente maravilhoso; porém, um dos peões, homem sisudo e cuja prática do país muitas vezes desafiava a ciência teórica do doutor, o enganou logo, quando interrogado, declarando com muito sangue frio que era um menino branco, muito obstruído e hidrópico. “Oh! *pauvre petit*”, disse o doutor, “eu pode curar com a *Chioccoca racemosa*.⁸⁰ Primeiro convida a comer.” O peão deu ao menino um bom pedaço de lombo assado com uma bolacha, e não foi preciso instar para que este participasse da apetitosa refeição; porém, de cada bocado que comia, ele dava com muito carinho uma porçãozinha à periquita – o que chamou a atenção do bom doutor sobre o bichinho: “*Ordo, Picae; genus, Spittacus; varietas, pullarius*”, exclamou ele; e, como o pássaro, se bem que assaz conhecido, não existia ainda na sua coleção, ele sentiu grande desejo de o possuir, e perguntou ao menino: “Você quer vender?” “Não! Não!”, respondeu este, já muito ansioso. “Mi dá a você muito dinheiro”, replicou o doutor, cujo desejo se incendia com a repulsa: “Não posso! Não quero.” “Uma pataca” (sinal negativo do menino), “três patacas, quatro mil réis”, e, pensando que a vista determinaria a criança que se conservava sobre a negativa, fez luzir o metal amarelo aos olhos do menino. Mas este, escondendo a avezinha entre ambas as mãos e dando-lhe muitos beijos, com lágrimas nos olhos, respondia: “Nada! Não a venderei por ouro nem prata; meu bom anjo, minha Olaia ma deu; não, periquita da minha alma, jamais te largarei.”

24. O peão, sobre a visão do qual o rico metal não exercia pouca influência, e que ardia a cada momento de ver prodigalizar tantas riquezas para adquirir bagatelas das quais ele não daria dez réis, não

⁸⁰ Vulgarmente cainca ou raiz preta. (Nota do Autor – assinalada por asterisco no texto.)

se pôde conter e exclamou: “V.m., quero dizer, V. S. está muito bom em demasia, esta cousinha não merece dois vinténs; os sertões estão cheios disto. Eu vou assentar dois pontapés neste bragerete⁸¹ e tomar-lhe o pássaro, que não vale a quarta parte do que comeu!” “Oh no, no!”, disse o doutor, “Isto estar injusto.” O esforço da sua magnanimidade talvez fosse nesse instante igual à de Frederico, o Grande, quando deixou existir o moinho de *Sans-souci* no recinto do seu palacete, ou de Napoleão, quando, na ocasião de se comprar as propriedades que deviam dar lugar ao paço do rei de Roma, sofreu que um proprietário teimoso, que nenhuma oferta pôde reduzir, guardasse sua casinha.

82

25. Aliás, a certeza de achar muitas periquitas da mesma espécie ajudou muito para que o bom doutor se mostrasse juiz tão imparcial entre si e o fraquinho dono da ave. Se o bicho, em vez de ser vulgar nas coleções da Europa, e já classificado por todos os nomencladores, pertencesse a um gênero novo, ou mesmo tão raro, que se não contassem senão um ou dois indivíduos nos museus, não posso afirmar que o doutor, por virtuoso que fosse, e acérrimo inimigo do despotismo, contra o qual tinha fulminado nas suas obras impressas, tivesse achado forças para resistir à tentação de se apoderar de um tesouro de inaudito valor aos seus olhos e não tivesse consentido a um ato de arbitrariedade que, apesar de quantos equivalentes em dinheiro podia dar ao menino, obrigaria a vontade deste inocente e, talvez, lhe custaria a vida, a qual, no extremo de

⁸¹ Palavra não dicionarizada. Na versão francesa da novela, *petit drôle*. Diminutivo de “bagre” – pessoa feia?

⁸² Aqui termina a primeira seção da novela, publicada entre as páginas 108 e 129 de *O Beija-Flor* (n.4, 1830). Entre parênteses e em itálico, sob o texto, vem o seguinte anúncio: “(*O resto para o próximo número.*)”. A novela teve continuidade nas páginas 145-158 (n.5, 1830) e, ainda, nas páginas 170-184 (n.6, 1830).

saúde em que se achava, podia findar com as saudades do bichinho, que amava unicamente como prenda daquela que chamava seu anjo. Mas o gosto dos coletores de curiosidades das artes ou da natureza, não raras vezes, degenera em paixão desordenada, que, como qualquer outra, quer satisfazer-se *por fás ou por nefas*.⁸³ A história nos apresenta exemplos de sábios mui probos e filantrópicos que esta paixão levou ao ponto de cometer furtos, e mesmo mortes.

26. Felizmente, a virtude do doutor não foi posta a uma prova tão extremosa; e de mais a mais um novo incidente veio fazer diversão. Uma magnífica borboleta tinha pousado na areia das margens do rio e chupava a umidade. “*Ordo Lepidoptera, genus Papilio, tribus equites...*” gritou o doutor e, esquecendo o menino, a periquita e o resto do universo, lançou mão da rede do ar e correu para a caça borboletal; dois dos seus colaboradores foram após ele com suas competentes redes de garça verde; como a refeição já estava no fim, um terceiro pegou a espingarda para visitar as matinhas da beira d’água, asilo de quantos bichos tinha o distrito; os cães o acompanharam; e o quarto pôs-se sossegadamente a desenhar o prospecto do lugar da parada, enquanto os pretos se fartavam com os resquícios do almoço e os peões enxugaram as garrafas meio vazias e davam repetidos abraços a um odre de razoável dimensão cheio de estimável licor da cana patrícia. O cabôculo se distinguia entre todos pelo fervor do culto que rendia à preciosa borracha⁸⁴.

27. Júlio, tendo-se apartado um pouco, observava tudo. Dali a pouco ele viu os camaradas, à ordem que um dos jovens naturalistas trouxe, recolher nas caixas todo o conteúdo, carregar as bestas, enselar as cavalgaduras e, sem esperar pelo doutor, pôr-se em marcha, levando à mão a bestinha que ele costumava montar. Com

⁸³ No texto-fonte: “por *fas et por nefas*”. A expressão “por fás ou por nefas” propõe alternativas: por meios justos ou injustos.

⁸⁴ “borracha”: odre em que se guarda bebida.

efeito, a borboleta, o *Eques troius*, não tinha sido tão fácil de se apanhar. No primeiro assalto, o leve bicho quase que se deixou surpreender. A rede fatal já o cobria, quando, por um intervalo entre o chão e uma porção da circunferência do arame, ele pôde escapular e, então, deu que fazer aos três inimigos⁸⁵; ora levantando-os após si nas beiras da ribanceira, ora divagando na campina queimada; umas vezes parando em cima duma folha, até eles já estarem tão perto, que se cuidassem senhores da presa e, logo, como por mangação, disparando num voo seguido, que os obrigava a dar uma nova carreira debaixo dos raios de um sol ardentíssimo. Mas nada podia deter ou cansar os caçadores que, neste seguimento,⁸⁶ já se achavam a quase meia légua pelo rio abaixo – razão por que o chefe mandou ordem à bagagem que o viesse encontrar.

28. O menino, depois do estrondo desta cena, sentiu-se assaz triste e abandonado; mas a voz da sua periquita o fez tornar em si. Ela, como se o quisesse premiar de não a ter querido trocar por tamanha soma como a que fora oferecida, principiou a repetir umas poucas de vezes o nome d’Olaia. O pequeno a recompensou com mil afagos e, sem mais se lembrar do futuro ou do passado, principiou a brincar com ela debaixo da sombra, até que, dando-lhe sono, se deitou na relva, justamente⁸⁷ no lugar aonde o doutor estivera sentado. Quando acordou, meneando a cabeça como quem sacode o sono, ele bateu sobre uma cousa que supôs ser pedra e, querendo apartá-la, reconheceu a bolsa que o doutor puxara para lhe mostrar a moeda d’ouro e que largara incautamente no chão, para lançar mão da rede, quando a improvisa vista do *Eques troius* veio fazer diversão a quantas outras ideias o ocupavam naquele instante.

⁸⁵ No texto-fonte: “inimigo”.

⁸⁶ No texto-fonte: “seguimento”.

⁸⁷ No texto-fonte: “juntamente”.

29. Júlio divertiu-se um instante com o feitio da bolsa, e *supputo*⁸⁸ do dinheiro; mas os princípios de probidade que tinha mamado desde a infância não permitiam que o desejo de se apoderar dela nascesse na sua mente. “É a bolsa daquele senhor”, disse ele a sua periquita, “que nos deu um almoço tão bom: vamos restituí-la; talvez ainda nos dê outra vez de comer e algum dinheiro, para comprar ao depois daquilo que tu mais gostas.”

30. Ele imediatamente seguiu os rastros da tropa e, como já o sol declinava, não chegou antes da noute ao novo rancho, que a expedição tinha evacuado de tarde. Júlio e seu bichinho cearam com as espigas de milho que ficavam⁸⁹ do dia antecedente; dormiram no rancho e, ao outro dia, madrugaram tanto, que vieram encontrar com os naturalistas às mesmas horas da véspera⁹⁰ e na mesma ocupação do almoço. Júlio meteu a bolsa nas mãos do doutor, que só neste momento deu fé da perda do seu dinheiro, pois que seu desapego à riqueza era talvez igual a sua paixão para a história natural.

31. Supor-se-á facilmente que todo o interesse que o bom doutor sentira à primeira vista a favor da infeliz criança, e que só o recusar da venda da periquita pudera apagar, ressuscitou ao tresdobro. A prova de probidade que Júlio agora dava realçava a de desinteresse que dera⁹¹ na véspera. Depois de ouvir a triste história do pequeno, o doutor o considerou como um órfão que o céu lhe mandava propositadamente, para que o curasse e o amparasse, e decidiu, com aplauso geral, que Júlio e a sua periquita seriam, daqui para diante,

⁸⁸ “*supputo*”: palavra não dicionarizada. No contexto, parece significar “avaliou o seu conteúdo” [da bolsa]; é possível que se trate de aproveitamento do latim: *supputo, as, are* – que significa “calcular”.

⁸⁹ “ficavam”: observe-se o uso do imperfeito do indicativo com valor de perfeito, “ficaram”, ou de mais-que-perfeito composto, “tinham ficado”.

⁹⁰ “véspera”: forma registrada em textos antigos, o mesmo que “véspera”.

⁹¹ No texto-fonte: “dára”.

considerados como agregados à expedição. A cura do menino principiou neste mesmo dia; depois de lavado a fundo na bela água corrente, fizeram-lhe uma pequena guarda-roupa⁹² à custa de todos, e o doutor entrou a empregar a *Callicoca ipecacuanha*⁹³, a *Cinchona officinalis* e a *Chiococca racemosa*, que os tropeiros, por seu maior escândalo, continuavam a chamar poalha⁹⁴, quina e raiz preta. A virtude destes três específicos, e sobretudo o bom alimento e satisfação de se ver tratado com carinho e benevolência, em breve restauraram a saúde do recrutado naturalista: em breve o ventre desentumeceu, os membros recuperaram a força, os braços e faces apresentaram o colorido da infância, e os olhos a expressiva viveza, indício da agudeza do seu espírito e simpática disposição do seu coração. A mesma crise da doença foi a prol do desenvolvimento físico; Júlio em poucos meses cresceu prodigiosamente, sem que disto resultasse prejuízo qualquer à robustez. Ele, àquela época, já não era membro inútil da pequena colônia errante – servindo-se da rede borboletal com maior destreza do que os mesmos mestres; subindo no cume das árvores mais altas, para ir procurar os espécimens da floração⁹⁵ ou da frutificação; desencantando vegetais e insetos, aonde o bom doutor muitas vezes não supusera que os houvera;⁹⁶ e valendo-se de toda a agilidade e experiência do campo que seus hábitos d’infância, quando vagava com os pequenos companheiros nos caminhos patrícios,⁹⁷ lhe tinham adquirido, para servir os seus benfeitores e pagar o tributo da gratidão.

⁹² Observe-se o gênero feminino atribuído a “guarda-roupa”, talvez pelo gênero feminino do francês *garde-robe*.

⁹³ No texto-fonte: “epicacuanha”.

⁹⁴ “poalha”: o mesmo que “poaia” – Silveira Bueno registra a forma correta, “poaia”, e afirma: “Ouve-se poalha, mas é ultracorreção.”

⁹⁵ No texto-fonte: “specimens da floreação”.

⁹⁶ Ver nota 15.

⁹⁷ No texto-fonte: “nas caminhas patricias” – observe-se a troca de gênero da palavra “caminho”.

32. Entretanto, a expedição ia progredindo nos sertões e avançando lentamente, por causa dos pousos e digressões à esquerda e direita, para a província do Grão-Pará, termo de seus trabalhos. Júlio⁹⁸ não se sabia explicar os motivos daquela vida selvática, aliás deliciosa para uma criança, e mesmo com muitos atrativos para os homens de gênio ativo e empreendedor, mas bem pouco se lhe dava das razões ou do fim da expedição; ele deixava correr o tempo e as cousas, contente do momento presente, e nisto as crianças se avantajam muito aos homens, que não podem chegar a semelhante disposição d'espírito, nesta sua jornada terrestre, sem os maiores esforços de filosofia; um único pesar inquietava o menino: ele tinha perdido todo sinal do caminho para a fazenda aonde morava Olaia e, apesar d'ignorar o rumo em que vagavam, não podia deixar de observar que cada vez mais se afastavam dela. De vez em quando ele perguntava ao doutor se já não estavam perto do cabo do mundo e se então não haviam de voltar pelas mesmas pisadas?⁹⁹ O doutor sorria-se; e uma flor a colher, um bicho a caçar, um mimo a fazer a sua periquita mudavam a direção das suas ideias.

33. A periquita o não largava de dia e de noite. A sua efetiva morada era o ombro de Júlio¹⁰⁰, ao qual, conforme o instinto da sua espécie, ela criou um amor tão singular e despótico, que não permitia que qualquer outro bicho, ave ou quadrúpede, se chegasse a ele e quanto menos¹⁰¹ lhe fizesse festas; as mesmas borboletas que apanhava eram o alvo do furor dela, e não era possível pregá-las com os alfinetes para fora da copa do chapéu de palha, como os mais companheiros faziam, sob pena de as ver dilaceradas. Ela o castigava a ele mesmo quando não dava bastante atenção às suas carícias e beijinhos.

⁹⁸ No texto-fonte: "Julia".

⁹⁹ No discurso indireto, o ponto de interrogação introduz elemento de discurso direto de personagem.

¹⁰⁰ No texto-fonte: "Julho".

¹⁰¹ "quanto menos": entenda-se "muito menos".

34. Era assaz¹⁰² incômodo penetrar os fechados, correr as catingas e subir às árvores com a delicadinha ave no ombro, e Júlio procurou eximir-se da tal obrigação, deixando-a com a bagagem na companhia dos outros bichos. Mas esta fez tamanha algazarra e deu tantas provas de desesperada, que ele não teve ânimo de persistir na sua resolução e de afligir a sua Olaia, nome que todos tinham dado à periquita, porque era a única palavra que jamais aprendeu¹⁰³ a repetir – motivo pelo qual ainda era mais cara a Júlio.

35. O doutor não se podia cansar de observar as particularidades do instinto deste bichinho e do que chamava amores andropsitacinos¹⁰⁴ da avezinha e do *Parvuli achatis*, alcunha com que designava Júlio, que, por agradecimento a quem o curara e lhe mostrava tanto interesse, acompanhava com especialidade o doutor nas suas divagações científicas; e, por contínuas atenções e serviços, ficou-lhe tão bem aceito, que aquele bom homem já não podia dar um passo sem que a criança fosse a seu lado.

36. Um acidente, que por pouco ia sendo fatal a ambos, estreitou ainda a sua intimidade e a exaltou a ponto de chegar a se assemelhar àquela que existe de pai a filho. Um dia que¹⁰⁵ o doutor e seu fiel escudeiro pesquisavam às beiras pantanosas de um rio de volume d'água assaz avultado, porém que, por manar em planices¹⁰⁶ quase sem declive, dava ares de dormente, havendo toda uma vegetação

¹⁰² No texto-fonte: “asssz”.

¹⁰³ No texto-fonte: “apprendio”. O autor pode ter empregado o verbo espanhol “aprender” (nesse caso, a forma atualizada seria “aprendió”). Outra possibilidade é a de o autor, por analogia, haver conjugado o verbo português “aprender”, tomando o verbo “ver”, irregular, por modelo.

¹⁰⁴ Neologismo criado pelo autor.

¹⁰⁵ Observe-se a tendência (ainda atual, na língua popular) à omissão da preposição “em” antes do “que”.

¹⁰⁶ “Planice”: palavra não registrada na maioria dos dicionários da Língua Portuguesa nem no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*; registrada, entretanto, no dicionário de Cândido de Figueiredo e no de Laudelino Freire.

aquática de ambos¹⁰⁷ os lados, eles deram fé duma flor magnífica que se podia alcançar bem com a mão, baixando-se algum tanto além da beira, por cima d'água. “*Polyandria monogynia*”, exclamou o doutor extasiado, “família *Hydrocharidum*, *genus Novum*”, e com precipitação baixou-se para se apossar dela, conseguindo com efeito agarrar a haste; mas esta, que cedeu no princípio, logo, por sua elasticidade, encolheu-se, e esta leve reação bastou para romper o equilíbrio em que o doutor estava, de forma que caiu de cabeça dentro do rio, e o peso d'água logo o carregou pelo rio abaixo.

37. Apenas Júlio viu cair o seu benfeitor, que, sem se lembrar que não sabia nadar, ele se atirou para o socorrer; e, apesar de se agarrar às plantas aquáticas, foi levado pela força da corrente; e ambos iam ser vítimas da vegetal sereia – que não lhes patenteara tantos encantos, senão para os perder –, se o cabôculo, que bem perto, com setas rombudas, caçava beija-flores, não ouvisse a bulha e gritos e não corresse em seu socorro. Este, que nadava como um peixe, os tirou d'água já meio afogados. Assim mesmo o doutor não tinha largado mão da *hydrocharides*, que a impulsão da queda fizera romper; e, mal voltado em si, principiou a analisar os seus caracteres botânicos; e Júlio, ainda mais exânime, não se lembrou senão da periquita, que, tendo escapado com o socorro das asas, dava gritos atordoantes em procura do amo.

38. A prova de dedicação que Júlio dera ao seu protetor não foi perdida para o tão benfazejo como entusiasmado coração deste, que consagrou ao órfão o amor de pai, e decidiu na sua mente que jamais o abandonaria. O seu primeiro cuidado foi de lhe determinar um ordenado, aliás já merecido pela utilidade de que era à expedição; e o segundo,¹⁰⁸ de tratar da sua educação, dando-lhe ele mesmo lições com toda a assiduidade que¹⁰⁹ a vida que fazia permitia, e,

¹⁰⁷ No texto-fonte: “ambas”.

¹⁰⁸ No texto-fonte: “a segunda”; outro exemplo de troca de gênero.

¹⁰⁹ No texto-fonte: “qna”.

convidando os colaboradores a que o ajudassem a cultivar a planta generosa¹¹⁰ achada no deserto, que não pedia senão cultura, para dar os melhores frutos; e, com efeito, Júlio, dotado de engenho vivo e gênio dócil, fez grandes progressos, tanto por natural curiosidade, como para agradar as pessoas que tomavam nele tanto interesse.

39. Entretanto o tempo passava, e a expedição, através dos sertões, serras, campinas, vilas e ermos, fazendas e matarias, ora subindo rios, ora descendo outros, ora passando fomes e inclemências do tempo, ora na maior fartura do mundo, sempre favorecida pelas autoridades e habitantes, que – tanto para cumprir as ordens positivas do governo do Brasil, cuja liberalidade neste respeito merece os maiores louvores, como por natural hospitaleira disposição – prestaram todos os socorros de que podiam dispor, tinha por fim chegado triunfante, e, apesar de bastantes perigos e doenças, sem perda de nenhum dos membros, à metrópole do Grão-Pará, meta dos seus trabalhos e lugar marcado ao embarque para Europa.

40. O doutor empregou toda a diligência em arranjar e encaixotar¹¹¹ os imensos tesouros d'história natural que reunira durante sua prolongada viagem; tesouros mais preciosos na sua opinião do que quantos o Tijuco, o Potosi, ou a Serra do Grão-Mogor¹¹² encerravam! conquistas admiráveis que enriquecem o país sobre o qual elas se ganham!

41. Enfim, o doutor, depois de premiar além das suas esperanças os tropeiros e camaradas, meteu-se a bordo na companhia dos colaboradores e de Júlio,¹¹³ seu filho d'adoção.

42. Este já não era aquele menino simples e criado à lei da natureza que se achou abandonado nos sertões. O corpo e o espírito se tinham juntamente desenvolvido. Ao físico, era um jovem

¹¹⁰ “planta generosa” – entenda-se: Júlio.

¹¹¹ No texto-fonte: “encaixotar”.

¹¹² Ver nota 9, sobre “patamal”

¹¹³ No texto-fonte: “Jnlío”.

elegante, de boas maneiras e de trato agradável, e seguro. Ao moral, a educação tinha sazonado as prendas naturais e inatas qualidades duma alma elevada. Ele sentiu uma quase irresistível repugnância a abandonar a pátria. Uma saudade indizível o ligava ao solo que Olaia habitava, não porque este sentimento fosse amor; a idade em que a vira e a rapidez duma única entrevista não davam lugar a isso, mas era um composto de todas as lembranças e emoções da meninice e de mil cenas de interesse sem igual àquela idade, entre as quais a da fazenda dominava, com todas as circunstâncias pertencentes à aparição angélica da engraçada benfeitora. Assim mesmo, a voz da gratidão, as instâncias e os afagos do bom velho, ao qual tanto devia, e as solenes promessas de o tornar a mandar para o Brasil à primeira requisição prevaleceram para que embarcasse.

43. A periquita o acompanhava. Única entre todos os irracionais que assistiram ao almoço do primeiro encontro, ela tinha escapado às vicissitudes¹¹⁴ da viagem, mas não sem ter tido seu quinhão dos sofrimentos e perigos da peregrinação. Quantas pancadas e arranhaduras apanhara nas capoeiras e fechados que Júlio rompia! quantos tombos dera! Um dia, ela caiu no fogo e quase que assou os pezinhos. Outro dia, um mono, contra o qual num acesso de ciúme¹¹⁵ se lançara, lhe deu um apertão de que ficou estropiada duma asa. Ultimamente, os excessos e ciúmes da sua paixão por Júlio tinham devorado a sua existência: a velhice antecipada e frequentes acidentes pronosticavam¹¹⁶ a morte próxima; e, com efeito, quando a embarcação chegou à região dos frios, ela principiou a definhar, e, se bem que toda morosa¹¹⁷, e gostava, jamais saía do peito ou da cama de Júlio; assim mesmo as forças a abandonavam, e uma madrugada, este, ao acordar, achou-a sem vida encostada a uma das suas faces – apesar de prever esta perda, a dor que transpassou

¹¹⁴ No texto-fonte: “vissitndes”.

¹¹⁵ No texto-fonte: “deciume”.

¹¹⁶ “pronosticavam”: forma antiga de “prognosticavam”.

¹¹⁷ Pode ser que haja erro tipográfico nessa passagem; talvez fosse “amorosa”.

o coração de Júlio foi tão aguda, que lhe deu um vago; quando voltou em si, ele rompeu em choros e ais, e foi preciso toda a influência do pai adotivo, e as carícias e consolações que lhe prodigalizou, para o sossegar e o determinar a tomar alimentos. Aliás, não faltaram à pobrezinha defunta as honras fúnebres que sua dedicação exemplar merecia. O pintor tirou dela uma perfeita cópia, e o doutor, com as próprias mãos, a embalsamou e preparou com toda a perfeição que uma longa prática o habilitara a dar às obras desta natureza. Finalmente, uma rica boceta d'ouro a recebeu, e, na tampa, o doutor, que¹¹⁸ tinha presunções de poeta, insculpiu, em ar d'epitáfio, o seguinte verso em latim:¹¹⁹

*Ex ave tantilla constanciam edisce, puella.*¹²⁰

44. Júlio colocou o pequeno túmulo em cima do coração, e jamais o largou antes do casamento.

45. Entretanto, a viagem de mar findou sem novidades. Não entra no meu plano narrar o distinto recebimento, honras e prêmios com que o soberano manifestou sua satisfação ao doutor Williams S. e aos seus companheiros. Júlio foi apresentado à corte: os seus ordenados foram transformados em uma pensão vitalícia bem suficiente para viver com decência. O doutor o mandou para a célebre Universidade d'Iena¹²¹ a ultimar seus estudos. Júlio distinguiu-se por seus talentos, caráter e conduta, mas o clima não lhe provou bem, e os rigores dos invernos abalavam sua robusta saúde e o enchiam de uma melancolia que virava sobre o passado

¹¹⁸ No texto-fonte: “qne”.

¹¹⁹ No texto-fonte: “verso latim”.

¹²⁰ Nota do autor, no rodapé, assinalada por asterisco: “Meninas aprendei de tão diminuta ave a serem constantes.” [No texto-fonte: “apprendi”. A tradução literal seria “De ave tão diminuta a constância aprende, menina.” – colaboração de Gilson José dos Santos, a pedido dos editores. No texto em latim, *constanciam* está por *constantiam*.]

¹²¹ No texto-fonte: “universidade d'Iena”.

e as lembranças da pátria. Ele gastava horas a chorar sobre¹²² a caixinha que resselava sua periquita. O mal do país,¹²³ a mais cruel de todas as doenças morais e que devora a substância dos ossos, o agarrou à época da puberdade: ele à vista definhava; e o bom doutor, depois de apurar quantos meios a sua ciência médica e a dos seus doutos amigos proporcionavam, já andava desesperado, quando ele um dia surpreendeu Júlio na sua ocupação favorita – que até então escondia a todos os olhos –, banhado em lágrimas, a contemplar a periquita. Júlio atirou-se aos seus pés e, entre soluços¹²⁴, exclamou: “Meu benfeitor, meu pai, perdoai!... Eu morro, se não torno¹²⁵ para meu país...” O doutor pegou-o no colo, o regou com seu pranto e lhe disse... “Filho, vai: não te demoro; tu eras a consolação da minha velhice, a alegria dos meus olhos, o orgulho destas minhas cãs;¹²⁶ mas, quando a Providência te confiou de um modo tão singular no sertão ao meu amparo, foi para tua felicidade, e não para a minha satisfação. Vai para tua bela pátria, cujos ares amenos e brilhante sol valem mais que todos os refinamentos da nossa civilização. Tu levas contigo a bênção deste velho para o qual quisestes¹²⁷ uma vez sacrificar a vida!” E, como a paixão dominante jamais perde seus direitos, depois de alguns momentos de reflexão, o doutor acrescentou: “Tu serás para lá meu correspondente. Eu te ensinei a preparar toda casta de bichos e vegetais; espero que me hás de fazer grandes remessas.”

¹²² No texto-fonte: “chora rsobre”.

¹²³ “O mal do país”: nostalgia.

¹²⁴ No texto-fonte: “soluções”.

¹²⁵ No texto-fonte: “tornou”.

¹²⁶ No texto-fonte: “cães”.

¹²⁷ Ver nota 50.

¹²⁸ Aqui termina a segunda seção da novela, publicada entre as páginas 145 e 158 de *O Beija-Flor* (n.5, 1830). A novela teve continuidade nas páginas 170-184 (n.6, 1830), sem qualquer indicação, neste ponto, de que haveria continuidade.

46. Não era a tenção do bom velho mandar seu filho d'adoção sem que fosse bem provido, e, portanto, além de lhe remeter o importe de todos os ordenados que se tinham acumulado até uma soma já assaz avultada¹²⁹ e de lhe fazer adiantar dez anos de pensão, ele o dirigiu com as mais poderosas recomendações a uma das principais casas d'Hamburgo, que se propunha comanditar¹³⁰ uma casa em Pernambuco. As proteções¹³¹ de Júlio, suas boas maneiras, grandes talentos, qualidade de cidadão brasileiro e os consideráveis fundos com que entrava fizeram que obtivesse as maiores vantagens na nova associação; o prazer de tornar para sua pátria, a ocupação para se habilitar na sua profissão e a viagem do mar restauraram¹³² completamente a sua saúde.

47. A fortuna acompanhou a nova casa, que trabalhava com potentes meios, e, tão bem sustida pela de Hamburgo, cujas especulações com o Brasil foram feitas nestes inícios sobre escala mui grande, que¹³³ apenas tinham passado três anos e já Júlio não teria dado o que lhe tocava por cem contos de réis; e, como a ambição e o amor das riquezas não o dominavam, ele já se lembrava de liquidar, pois que Pernambuco não era senão o primeiro pouso para sua volta a seu país, e não lhe oferecia aquela felicidade para a qual seu coração anelava, e que supunha somente encontraria nos seus caros sertões. Ele já chegara à idade das paixões e, com uma alma tão terna, como ardente, ainda não tinha achado o ente que devia fazer o destino de sua vida: alguns namoros passageiros tinham terminado em frieza ou desgosto; a antiga melancolia o assaltava, e os *tête-à-têtes* com a periquita embalsamada já eram frequentes. Ele

¹²⁹ No texto-fonte: “avnltada”.

¹³⁰ No texto-fonte: “commenditar”.

¹³¹ No texto-fonte: “proteições” – com vocalização do “c” etimológico: *protectio, onis*.

¹³² No texto-fonte: “restanrarão”.

¹³³ Entenda-se: “e [foi] tão bem sustida pela de Hamburgo, cujas especulações com o Brasil foram feitas nestes inícios sobre escala mui grande, que etc.”

não amava a pequenina Olaia que vira, mas não podia amar outra: muitas vezes a sua imaginação lhe representava os sítios natalícios e, no seio deles, uma figura encantadora, dotada de quantas perfeições podem existir; e sempre esta figura vinha vestida de cor-de-rosa com cinta azul – em uma palavra, tal qual a engraçadinha menina da fazenda prometia que havia de vir a ser; e quando Júlio acordava destas ilusões, “Ah!”, dizia ele à periquita, “e ela existiria ainda? e com tantas prendas? e com o coração livre?¹³⁴ e os pais a não obrigariam a casar?” Tantas dúvidas e sonhações findavam por uma abundância de lágrimas.

48. Entretanto ele não ousava se abrir a ninguém e, menos, indagar daquilo que tanto o interessava. Era um cuidado que não queria fiar senão de si mesmo: mas a liquidação de uma casa de comércio, de grandes e longínquas especulações, é obra assaz complicada. Júlio esperava, para as¹³⁵ realizar, o resultado de várias expedições; e o tempo corria, quando, uma manhã, estando ainda na cama, ele viu entrar o seu sócio, homem já maduro e consumido na ciência comercial, com certo ar de preocupação inusual em um homem que se conservava quase sempre impassível: “Júlio”, disse este, “a seca que aflige nossa província castiga com inaudito furor as do Norte. O Ceará, entre todas, está perdido: os sertões ficaram desertos, todo¹³⁶ fugiu para o beira-mar¹³⁷ e amontoou-se na cidade; uma horrenda fome decima¹³⁸ a infeliz população: o governo se lembrou de recrutar entre¹³⁹ a mocidade esfaimada, e eu julgo que não pode haver melhor ocasião para uma especulação que estou já calculando há um mês, de mandar para lá uma

¹³⁴ No texto-fonte: “libre”.

¹³⁵ Concordância ideológica: “as” está por “a liquidação da casa de comércio e a volta ao Ceará”.

¹³⁶ “todo”: entenda-se “todo o sertão” ou “todo o Ceará”.

¹³⁷ Observe-se o gênero masculino atribuído a “beira-mar”.

¹³⁸ “decima”: o mesmo que dizima.

¹³⁹ No texto-fonte: “eutre”.

embarcação com mantimentos da terra: venho tomar o seu parecer.” Todos os sentimentos concentrados no coração de Júlio rebentaram com inaudita força ao ouvir esta proposição. “Sim”, gritou ele, pulando da cama, “sim, não pode haver melhor especulação! É uma mina d’ouro! Eu mesmo a quero dirigir e acompanhar.” O sócio ficou passado com tamanha impetuosidade; ele não estava acostumado a ver Júlio tão áspero para o ganho,¹⁴⁰ mas o interesse que, a seu ver, este tomava, no bem da casa, não lhe podia desagradar, e, portanto, eles em breve decidiram e aprontaram a expedição, que se fez em ponto maior, como dirigida por um dos chefes da casa.

49. Os ventos favoreceram¹⁴¹ a impaciência de Júlio, cuja preocupação chegava a ponto de delirar; o instante decisivo da sua existência tinha chegado; o seu coração arquejava; o ar lhe faltava; imagens fantásticas escureciam-lhe a vista; as noites passavam em longos pesadelos, aonde as cenas dos sertões se confundiam com mil quiméricas visões de perigos, de fogos, d’abismos, de combates; e uma tal excitação mental poderia lhe ser funesta, se a embarcação não desse fundo no terceiro dia de noite.

50. Ao outro dia, Júlio embarcou com o capitão do seu navio no escaler da saúde,¹⁴² como fora de si, pelo gosto de ver o solo natalício e o receio do que ia aprender ou achar sobre o vital interesse do seu coração.

¹⁴⁰ “áspero para o ganho”: entenda-se – arduamente interessado no ganho.

¹⁴¹ No texto-fonte: “favorecerão”.

¹⁴² “escaler da saúde”: escaler é embarcação de pequeno porte, que pode ser içada para dentro do navio. Uma curiosa referência a “escaler” é encontrada em *Auto da Compadecida* (1997, p. 170), de Ariano Suassuna, em fala do personagem João Grilo, que se dirige à Compadecida: “Valha-me Nossa Senhora, / Mãe de Deus de Nazaré! / A vaca mansa dá leite, / A braba dá quando quer. / A mansa dá sossegada, / A braba levanta o pé. / Já fui barco, fui navio, / Mas hoje sou escaler. / Já fui menino, fui homem, / Só me falta ser mulher.”

51. Ao saltar em terra, eles toparam com uma companhia de recrutas que alguns soldados conduziam a bordo; era na ocasião de se fazer a chamada: não podia haver aspecto mais¹⁴³ deplorável; todos estavam em farrapos, tão desfeitos pela fome, sezões e bexigas, que mais¹⁴⁴ se pareciam com um comboio¹⁴⁵ de doentes que vão para algum hospital do que com qualquer outra cousa. Júlio comoveu-se profundamente à vista dos seus infelizes comprovincianos e avançava para lhes distribuir alguma gratificação, quando o nome de José Frederico de ..., pronunciado pelo sargento que fazia a chamada, feriu seus ouvidos. “Presente”, respondeu com tom assaz enérgico um vulto alto e que fora robusto antes que as privações e doença lhe tivessem dado as aparências de um esqueleto. “Sois José Frederico de ..., filho de fulano..., dono da fazenda de ...”, perguntou-lhe rapidamente Júlio, que correu para ele. “Sim”, respondeu com alguma hesitação o recruta. “Céus! em que estado vos venho achar.” “Não tenho conta que dar a ninguém do meu estado”, tornou aquele, com um resto de soberba, “vou servir minha pátria e meu Imperador!”, e esta frase foi pronunciada em tom que a ironia e o desespero se disputavam. “Deus me livre de vos ofender”, contestou Júlio, “antes quero vos ser útil: que é feito de vosso pai?” “Está feliz: morreu.” “E vossa mãe...” “Ela vive... coitada.” “Onde está? que é feito dela?” O recruta, ainda que com assaz relutância, respondeu: “Está aqui... que lhe importa?...” “Muito! tudo! devo-lhe tudo, vamos aonde está...” “Não posso... vou embarcar.” “Não seja isto obstáculo...” E Júlio, dirigindo-se imediatamente ao alferes que comandava o destacamento, obteve facilmente que ele e o comandante da sua embarcação, já conhecido daquele oficial, ficassem ambos fiadores do jovem cearense.

¹⁴³ No texto-fonte: “mas” (espanholismo?); a forma “mas” (= mais) existiu na língua portuguesa escrita (século XV).

¹⁴⁴ No texto-fonte: “mas”.

¹⁴⁵ No texto-fonte: “comboi”. Talvez por analogia com o francês “convoi”.

52. “Agora vamos”, disse Júlio... “não podeis ir tão longe...” “Não posso... dê-me alguma coisa para comer... o almoço que o Imperador me dá está a bordo, e falecem-me as forças...” “Não seja por isso”, interrompeu Júlio e, puxando por uma mão cheia de patações, ele lha entregou. José Frederico mostrou-se assombrado com a dádiva, e, como sua alma, se bem que prostrada pela má educação e os vícios, era ainda susceptível d’alguma generosidade: “Não quero, não mereço tanto”, disse ele com a cabeça baixa; “basta um patacão; guardai o resto para minha mãe e minhas manas!... coitadas!...”, e uma lágrima rompeu nos torvos, cavados olhos. “Não tenha cuidado”, disse Júlio, “haverá muito mais para vossa mãe... corra almoçar.” Enquanto este devorava na venda próxima alguma coisa, Júlio incumbiu ao capitão do seu navio que repartisse uma boa quantia entre seus infelizes compatriotas, e, como José Frederico já estava de volta, gritou: “Vamos! vamos!” “Senhor”, disse este, já todo respeitoso e subjugado pela vontade irresistível de Júlio, “olhai que é demasiadamente longe, em caminho areento e sem sombra; não seria melhor para evitar a areia e a calma...” “Que areia! que calma!”, replicou Júlio, “Vamos! vamos! Isto é negócio de vida e morte.” O outro não replicou palavra, e foi adiante a mostrar o caminho. Eles atravessaram a cidade e entraram em uma comprida estrada de areia movediça¹⁴⁶ e abrasada por um sol devorador... mas Júlio nada sentia; nada via... “Vamos! vamos!”, dizia ele de quando em quando ao guia, que a fraqueza retardava; estas eram as únicas palavras que pronunciava e, ainda que fosse natural indagar do irmão alguma coisa da família, não quis nem pôde articular uma só expressão sobre este particular; ele queria ver por seus olhos! Ultimamente, depois de deixar atrás muitas casas isoladas e paredões de chácaras, eles chegaram a um descampado e avistaram cinco ou seis choupanas,¹⁴⁷ ou sanzalas, grupadas de um e outro lado

¹⁴⁶ No texto-fonte: “movadiça”.

¹⁴⁷ No texto-fonte: “chupanas”.

da estrada. Chegados que foram a elas, “Eis”, disse José Frederico, apontando pela mais humilde, “a residência de minha família!... ide vós... não tenho ânimo de as ver... coitadinhas! e em parte por minha culpa!...” Ao dizer isto, ele se abafou em uma das choupanas,¹⁴⁸ e Júlio foi ter à casinha que se lhe indicara. A porta, que constava de uma simples esteira, neste instante estava aberta. Sobre um banco, algum tanto saído para fora, uma garrafa e um copinho indicavam que ali se vendia cachaça... Júlio bateu as mãos, e uma cafuza já idosa, algum tanto¹⁴⁹ nutrida, de cara risonha, apareceu. “Faça-me o favor de um bocadinho d’aguardente”, disse Júlio, atirando com um patacão em cima do banco. A mulher apresentou-lhe o copinho: “Não tenho troco para tão grosso dinheiro”, observou ela. “Que importa! guardai todo.”

53. A mulher, admirada, encarou a pessoa que pagava com tanta grandeza um cálix de cachaça; mas, vendo-o tão exausto e com a palidez da morte no rosto: “Maria! Jesus!” exclamou ela, “meu bom senhor está incomodado! sirva-se descançar um bocado nesta pobre choupana.”¹⁵⁰ Ele entrou com as pernas trêmulas, e se deixou cair em cima de uma cadeira de pau, única que havia. A casa era de pau a pique com reboque de barro, mas varrida e asseada.¹⁵¹ Não se viam outros móveis, senão a tal cadeira, dois bancos, uma banquinha com um pequeno oratório, e, no fundo da salinha, um jirau¹⁵² de varas, à moda de marquesa, sobre o qual¹⁵³ uma mulher branca, de mediana idade, já entrevada, estava deitada em cima de uma esteira. No chão, ao pé do jirau,¹⁵⁴ e sobre outra esteira, jazia uma menina de 10 ou 12 anos, envolta num cobertor e que parecia

¹⁴⁸ No texto-fonte: “chupanas”.

¹⁴⁹ No texto-fonte: “tauto”.

¹⁵⁰ No texto-fonte: “chopana”.

¹⁵¹ No texto-fonte: “aceiada”.

¹⁵² No texto-fonte: “huma girol”

¹⁵³ No texto-fonte: “a qual”, concordando com “huma girol”

¹⁵⁴ No texto-fonte: “do girol”.

moribunda. No centro da casa havia uma almofada de fazer renda. A mulher do jirau,¹⁵⁵ cuja fisionomia estava alterada pelo sofrimento e o cuidado, dava, de quando em quando, alguns ais e gemidos, e, dirigindo-se à cafuza, disse em tom d'agonia: "Tão tarde, e ainda não voltou!" "Já vem... já", respondeu a boa da cafuza, que ficara na porta a vigiar. Com efeito, uma moça branca, com um pote d'água à cabeça e um embrulho de roupa molhada debaixo do braço, apareceu no solar da porta. Júlio, em um indizível estado d'ânsia, fitou os olhos nela e, apesar da¹⁵⁶ mudança que os anos,¹⁵⁷ a infelicidade e a doença tinham feito, reconheceu Olaia... Eram ainda os mesmos olhos azuis, com sobrelhas e cabelos pretos, embora a fome e as sezões tinham,¹⁵⁸ à porfia, apagado as rosas da boca e das faces e emagrecido as feições! Talvez a expressão da fisionomia se tivesse tornado ainda mais tocante. Ela era esbelta demais, mas tão direita e engraçada como a cana do brejo, e seu andar e movimentos eram suaves como os balanços da angélica, ao assopro das virações.¹⁵⁹ Uma simples camisa de algodão e uma saia de chita cor-de-rosa compunham todo o traje, mas a maior limpeza e asseio o realçavam. O cordelzinho de cabelos e o coraçãozinho de coralina era o seu único enfeite. Ela entrou na cozinha, para depositar o pote que certamente fazia um¹⁶⁰ peso grande para as diminutas forças, e voltou a tomar bênção à mãe, que, com tom assaz áspero, lhe disse: "Quanto tardastes!..."¹⁶¹ "Ah! mãe," respondeu ela, "a fonte está tão longe, e tão escassa!"¹⁶² E, apresentando-lhe uma cuiazinha com siris e camarões: "Eu procurei isto para fazer um

¹⁵⁵ No texto-fonte: "do girol".

¹⁵⁶ No texto-fonte: "a peza rda".

¹⁵⁷ No texto-fonte: "nanos" (em vez de "annos").

¹⁵⁸ Observe-se o emprego do imperfeito do indicativo com valor de imperfeito do subjuntivo – "tivessem".

¹⁵⁹ No texto-fonte: "virações".

¹⁶⁰ No texto-fonte: "bum" (em vez de "hum").

¹⁶¹ Ver nota 50.

¹⁶² No texto-fonte: ponto de interrogação no lugar do ponto de exclamação.

quitutezinho, a ver se tira o fastio de minha mãe.” Esta não respondeu, mas demorou sobre a filha piedosa um olhar no qual a ternura, a ansiedade maternal, a antiga severidade e o remorso se podiam divisar a um tempo. Olaia dirigiu-se logo à criança doente: “Chiquinha, minha vida, como te sentes? Toma este cajuzinho, para refrescar a boca”, e, sem mais demora, ela, saudando o estrangeiro sem levantar os olhos, pegou da almofada e assentou a fazer renda. “Olaia, meu bem,” disse a boa cafuza,¹⁶³ “tu te queres matar? Chegas tão cansada; não comestes¹⁶⁴ nada hoje, e pegas na renda. Vá tomar um caldinho da minha pobre panela.” “Jesus!”, respondeu Olaia, “é bem preciso trabalhar: já lhe devo mais de quatro meses da casa, e a renda vende-se tão mal e tão barata! alas! há por aqui tanta pobreza a viver disto!...” “Nunca falas no que deves, criança,” respondeu a mulher, “estamos nesta vida para nos socorrer uns aos outros; enquanto eu tiver um bocado, havemos de parti-lo. Vá tomar um caldo e dar outro à tua mãe.” Júlio, imóvel e silencioso, olhava e escutava, qual o réu que escruta¹⁶⁵ as disposições dos juízes; cada prova da miséria em que uma família, outrora tão opulenta, estava abismada traspassava-lhe a alma; mas de cada prova destas surgia um testemunho da bondade, da piedade filial, da resignação d’Olaia. Aliás, uma dúvida, e a mais terrível, ficava a resolver, e o jovem fez-se violência para esperar alguns instantes mais.

54. Olaia tinha por fim cedido às instâncias da boa mulher, e esta, virando-se para Júlio: “Meu bom senhor, isto é um anjo!¹⁶⁶ Coitadinha! Ela nasceu para grandezas; e hoje não tem uma escrava para a servir; e, de mais a mais, tem a seu cargo a mãe e a mana doentes! Ela faz todo o serviço de casa e, de dia e de noute, trabalha na almofada; e assim mesmo está achacada de sezões! Entretanto,

¹⁶³ No texto-fonte: “Cafazuça”. Aumentativo?

¹⁶⁴ Ver nota 50.

¹⁶⁵ “escruta”: o verbo “escutar” tem o sentido (antigo) de “procurar entender o que é oculto ou está encoberto”.

¹⁶⁶ No texto-fonte: “ango”.

jamais se lhe ouve uma queixa! É dócil como um cordeirinho; até acha meio de fazer benefícios às nossas vizinhas ainda mais pobres do que nós! E tão galante¹⁶⁷ que é: ah se ela quisesse, não estaria nesta pobreza, ela teria achado um bom arranjo; mas é donzela; e tão esquiva e honradinha!”

55. Cada expressão da boa mulher ia retumbar no coração de Júlio; parecia-lhe que uma mão de ferro lhe apertava a garganta; ele já queria falar e não podia; por fim, ao ouvir a última revelação, o choque de satisfação que findava tantas¹⁶⁸ emoções e ânsias foi acima das suas forças; ele perdeu a vista dos olhos em um vago, e, a não ser o costado da cadeira, cairia no chão. “Maria! Jesus! que tendes, meu rico senhor da minha alma! Santo nome de Jesus!... as mãos estão frias! quer alguma cousa?” Júlio, voltado em si,¹⁶⁹ com voz esmorecida, respondeu: “Um copo daquela água que aquela moça trouxe.” Olaia, que chegava às exclamações da velha, ouviu a resposta de Júlio. Ela trouxe um coco cheio dessa água e, oferecendo-a com pressa, mas não sem pejo, disse: “O senhor deve perdoar, não temos copo.” Júlio bebeu algumas bochechas d’água e, fitando os olhos sobre a linda cara toda animada por um sentimento de compaixão e da simpatia que qualquer¹⁷⁰ ente que sofria excitava nela, já se não pôde conter. A paixão trasbordou: “Olaia!”, gritou ele, “minha Olaia!... sou eu... sou teu Júlio... teu esposo... não me conheces...”, e, puxando do seio a periquita... “eis a nossa periquita... Olaia...” A pobre donzela, fora de si¹⁷¹ com o assombro, não se pôde ter em pé e, toda trêmula e convulsa, foi cair em cima da cama da mãe... Mas quem poderia expressar os sentimentos de semelhante situação?¹⁷² O coração¹⁷³

¹⁶⁷ No texto-fonte: “galente”.

¹⁶⁸ No texto-fonte: “tautas”.

¹⁶⁹ No texto-fonte: “voltado em sim”.

¹⁷⁰ No texto-fonte: “qualque”.

¹⁷¹ No texto-fonte: “fóra de sim”.

¹⁷² No texto-fonte: ponto final.

¹⁷³ No texto-fonte: “caração”.

humano não tem forças para os aturar, e haveria de quebrar, se a suspensão momentânea das faculdades o não subtraísse aos seus mais agudos golpes.

56. Fica quase¹⁷⁴ excusado dizer que a melhor casa da cidade recebeu a família já ditosa e que os quatro meses do aluguel da pobre senzala foram pagos a maior preço do que aquele que dez anos da dita casa importariam.

57. Entretanto, Júlio tinha ainda que passar por um terrível lance, antes de se achar ao auge da felicidade, casando com sua Olaia. A antiga cena do sertão tinha feito sobre Olaia uma impressão inexplicável; certamente, ela tinha menos razões para criar amor ao menino de aspecto hediondo que socorrera do que este tivera de se lembrar dela com apaixonada gratidão; e, entretanto, a entrevista tinha decidido da sorte de ambos eles; um choque de simpatia os tinha ferido há um tempo, e, neste instante incomensurável, suas almas se tinham consagrado uma a outra para a eternidade. Olaia, como benfeitora, conservava lembranças menos vivas, e decerto não dava fé do fermento depositado no escondrijo¹⁷⁵ de sua alma; assim mesmo, o apego que tinha à prenda que a pobre criança lhe deixara e que ela jamais largou mostrava o quanto aquela cena influíra nela, e, quando a idade do himeneu¹⁷⁶ chegou, seu coração ficou mudo; os jovens que lhe rendiam homenagens tornavam-se-lhe¹⁷⁷ odiosos, e ela enjeitou quantos partidos se ofereceram. Aliás, àquela época, a desventura principiou a castigar sua família: o pai e os irmãos mais moços morreram. O mais velho, com paixões indomáveis e sem o freio da educação e do respeito, tiranizou a mãe e irmãs, e dilapidou os bens; a fazenda foi penhorada; os escravos foram vendidos: a seca deu o último golpe. Os gados morreram: os habitantes do sertão

¹⁷⁴ No texto: “qnasi”.

¹⁷⁵ “escondrijo”: forma sincopada de “esconderijo”.

¹⁷⁶ No texto-fonte: “himyneo”.

¹⁷⁷ No texto-fonte: “tormavão-se-lhe”.

foram obrigados a fugir para a cidade. A venda das joias e trastes susteve alguns meses a mãe e ambas as filhas, até que, tendo apurado todo o recurso, elas teriam morrido à fome e ao desamparo, se a boa dona da senzala, que os recolheu, não as tivesse ajudado:¹⁷⁸ os sofrimentos físicos e morais tinham debilitado a complexão¹⁷⁹ delicada d’Olaia; e a explosão da faísca escondida no seu peito – à vista do seu Júlio, que, semelhante na figura e nos benefícios a um mensageiro celeste, lhe trazia todas as bênçãos¹⁸⁰ do amor, da honra e da salvação da família – não achou o corpo com forças para resistir a um tal abalo: uma febre ardente a assaltou; ela esteve muitos dias entre a vida e a morte.

58. Enfim, um milagre da arte, da natureza ou do amor a salvou; e o consórcio dos dois amantes do sertão foi celebrado com toda a pompa e satisfação que a triste situação do país admitia. Ambos os esposos, comboiando uma imensa coleção¹⁸¹ de toda a bicharia, foram pagar uma visita ao bom doutor, que¹⁸² os regou com as suas lágrimas e os abençoou. Mas o clima não convinha a nenhum deles. De volta à sua pátria, Júlio realizou seus fundos¹⁸³ e se dedicou à agricultura.

59. Antes de deixar Ceará, ele segurara a sorte da sogra e da cunhada, que sarou, determinando-lhes uma pensão anual muito suficiente.

60. José Frederico de..., tendo melhorado à escola dos revezes, e animado com os conselhos e socorros do cunhado, que lhe avançou trinta mil cruzados, aplicou à restauração da sua fortuna a energia do seu caráter e viveza do seu espírito. Ele hoje é um dos homens mais abastados e mais estimados da sua comarca.

¹⁷⁸ Entenda-se: “que os recolheu [a todos], não as tivesse ajudado [a elas]”.

¹⁷⁹ No texto-fonte: “compleição” – o mesmo que “compleição”.

¹⁸⁰ No texto-fonte: “benções”.

¹⁸¹ No texto: “colleição” – com vocalização do “c” de “collecção”.

¹⁸² No texto-fonte: “qne”.

¹⁸³ “realizou seus fundos” – entenda-se: juntou seus fundos, seu dinheiro.

61. O pai Domingos, esse bom preto que dera a mão de milho a Júlio, tinha sido vendido com os mais escravos e sofria um duro cativeiro longe da sua parceira. Ambos foram comprados e premiados com a liberdade, sem por isso, depois de casados, largar o serviço dos dois esposos: foi Domingos que me recebeu na varanda quando o acaso me trouxe ao engenho de Júlio, como o contei no prólogo.

62. A cara periquita não ficou esquecida. Os dois consortes lhe pagavam uma espécie de culto. Eu os vi com intimidade, e sua ventura pareceu-me ter subido àquele cume que não é dado à fraca humanidade ultrapassar.

63. Teria-me¹⁸⁴ sido demasiadamente sensível que a amizade de um par tão perfeito não continuasse além do tempo da visita, que entendi ser de algumas horas e durou oito dias. Eu escrevi a Júlio; e ligamos uma correspondência assaz ativa – se o público acolher benignamente o *Beija-Flor*, eu tenciono inserir algumas suas cartas, que julgo¹⁸⁵ merecedoras desta publicidade.

FIM

¹⁸⁴ “Teria-me”: talvez se possa tomar essa construção como indício da tendência, hoje dominante, de evitar a mesóclise.

¹⁸⁵ No texto-fonte: “julgo”.

OLAIA E JÚLIO OU A PERIQUITA
NA TRADIÇÃO LITERÁRIA BRASILEIRA

Maria Cecília Boechat

É de conhecimento dos historiadores da Literatura Brasileira que a publicação, em 1844, de nosso primeiro romance moderno nacional, *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, foi precedida por um período de intensa publicação de prosa ficcional nos muitos periódicos que então circulavam em todo o país. O início da prática de publicação, em capítulos, de material literário em páginas de jornais é inovação atribuída a Émile Girardin e geralmente datada de 1836.¹ No Brasil, a voga do romance-folhetim não demoraria a chegar, primeiro, por meio da tradução de obras estrangeiras. Barbosa Lima Sobrinho confirma a ampla difusão do conto, da novela e do romance estrangeiros num período que se inicia já em 1836. O mesmo historiador registra a prática entre os escritores brasileiros, datando de fins de 1836 a divulgação em periódicos de histórias curtas nacionais.² Esses dados demonstram uma das curiosidades trazidas pela narrativa que ora se edita.

Olaia e Júlio ou A periquita, que traz o subtítulo de “novela nacional”, foi publicada nos números 3, 4 e 5 da revista *O Beija-Flor*, que circulou no Rio de Janeiro nos anos de 1830 e 1831. Trata-se, portanto, até onde as pesquisas nos permitem afirmar, do primeiro romance-folhetim publicado no Brasil,³ sendo anterior,

¹ Ver, a respeito, MEYER. *Folhetim*; e TINHORÃO. *Os romances em folhetins no Brasil*.

² BARBOSA SOBRINHO. Introdução. In: *Os precursores do conto no Brasil*, p. 1-25.

³ Atente-se, antes de tudo, para a indistinção, vigente na maior parte do século XIX, entre as diversas formas de prosa de ficção – “Nesse início da moderna ficção”, como anota José Ramos Tinhorão, “os limites entre os diversos gêneros revelam-se ainda muito imprecisos (havia contos que melhor seriam chamados de crônicas, ou quando extensos constituíam verdadeiras novelas, novelas estas que às vezes eram apenas contos esticados, da mesma forma que certos romances não passavam de novelas)”. TINHORÃO. *Os romances em folhetins no Brasil*, p. 37.

inclusive, ao estabelecimento de uma tradição continuada desse tipo de publicação, datada de fins da referida década.⁴

A definição do gênero da narrativa, no entanto, merece cuidado. Embora corresponda, pelo meio em que foi divulgada, ao tipo de publicação designado pela expressão romance-folhetim, o mesmo não acontece no que diz respeito aos modelos narrativos que se firmariam como típicos desse modo de publicação. A não-pertinência de *Olaia e Júlio* à tradição folhetinesca já foi devidamente indicada por Marlyse Meyer, importante pesquisadora do assunto e autora de estudo pioneiro desta narrativa, que observou tratar-se de uma história que foge “aos esquemas tradicionais convencionais das novelas traduzidas, tão frequentes na época”.⁵

De fato, se considerada a intenção explicitada pela própria narrativa, seria mais adequado situá-la em uma tradição anterior, junto à prosa de intenção didática e moralizante formada, no Brasil, por um pequeno conjunto de textos publicados nos séculos XVII e XVIII: *História do Predestinado peregrino e seu irmão Precito*, de Alexandre de Gusmão, 1682; *Compêndio narrativo do Peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira, 1728; *Obras do diabinho da mão furada*, atribuída a Antônio José da Silva, provavelmente primeira metade do século XVIII; *As aventuras de Diófanes*, de Teresa Margarida da Silva e Orta, 1752. A esse conjunto de obras, do período clássico da literatura de língua portuguesa, pertenceria, ainda, por afinidade, a primeira narrativa de ficção publicada no Brasil no século XIX: *Statira e Zoroastes*, do mineiro Lucas José de Alvarenga, 1826.

Para apreender a dimensão moralizante de *Olaia e Júlio*, é suficiente atentar para uma das funções exercidas no texto pela periquita a que se refere o título da narrativa. “Meninas aprendei de

⁴ O levantamento de romances publicados em folhetim realizado por José Ramos Tinhorão inicia-se pela referência a *Olaia e Júlio ou A periquita*, à qual se seguem 5 narrativas publicadas em 1839, 21 na década de 40, 28 na década de 50, e assim sucessivamente. Os dados configuram a continuidade e o número crescente de publicações a partir de fins da década de 30 do século XIX.

⁵ MEYER. Uma novela franco-brasileira de 1830, p. 342.

tão diminuta ave a serem constantes”, diz a frase gravada como espítáfio na caixinha em que ficou guardada a ave empalhada, mantida por Júlio em seu coração com igual fidelidade. E se o título composto sugere a equivalência entre o enredo sentimental e a ave (*Olaia e Júlio ou A periquita*), uma maneira legítima de resumir a narrativa seria dizer que ela é a história de um amor constante, desde a infância, entre personagens intrinsecamente bons e virtuosos, que se encaminha, fatal e providencialmente, para o desfecho feliz. Tal interpretação não seria equivocada, mas tampouco seria exata.

A par da tendência universalizante, da configuração dos personagens como tipos, uma outra tendência, oposta à primeira, não pode ser desconsiderada, porque avulta à primeira leitura e parece sobrepor-se a ela. Marlyse Meyer chamou atenção, com razão, para a novidade do enredo, protagonizado pelo casal de jovens cearenses e articulado em torno às vicissitudes e provações causadas pela seca. “Bem brasileiro, pois, o tema, numa época em que ainda balbuciava a ficção nacional e não parecia ser frequente o elemento regional”, observa, ressaltando ainda: “Note-se que este não é mero pano de fundo, mas constitui a própria trama narrativa”.⁶ A forte cor local é outro aspecto da narrativa ressaltado por Marlyse Meyer: na descrição do sertão e de sua flora, dos peões, da vendinha e da tapera em que Júlio reencontra Olaia.⁷

Por aí já se percebe que a narrativa apresenta procedimentos próprios à criação de uma verossimilhança de cunho realista, traço que estudiosos do romance moderno justamente elegeram como definidor da nova forma. A forte cor local da narrativa indica que, nela, o esforço particularizante (de enredo, personagens, espaço e tempo) que virá a definir o romance moderno já se faz presente,

⁶ MEYER. Uma novela franco-brasileira de 1830, p. 336. A esse respeito, basta observar a coesão do enredo, organizado em dois movimentos: no primeiro, por causa da seca, Júlio vaga pelo sertão e chega à fazenda dos pais de Olaia. No segundo, alguns anos mais tarde, Júlio retorna da Europa e é a família de Olaia que sofre o mesmo revés.

⁷ Cf. MEYER. Uma novela franco-brasileira de 1830, p. 337.

distanciando-a de um tipo de narrativa anterior, descrita nos seguintes termos por Sandra Guardini Vasconcelos:

Desde os seus primórdios (definidos como sendo a antiguidade clássica ou não), a prosa de ficção oscilou entre a pura fantasia, sem grandes compromissos com as leis de probabilidade e da verossimilhança, e a tentativa de representação fiel da realidade. As estórias romanescas dos séculos XVI e XVII se ambientam no passado, são vagas quanto aos detalhes da vida cotidiana, apresentam estrutura episódica, personagens aristocráticas e herói e heroína idealizados, para combinar com sua alta posição social. A estruturação formal do gênero [romanesco], desse modo, se rege por leis de outra natureza, em que vale antes, na maneira como ali se organizam os acontecimentos, o princípio da casualidade ou da Providência, o que acarreta total abdicção da organicidade do enredo.⁸

O efeito das duas forças que se apresentam na narrativa de *Olaia e Júlio* a situam numa posição de transição, e é interessante: há traços na narrativa que a aproximam de uma tradição anterior – o gênero romanesco, de tendência universalizante, fantasiosa e moralizante –, fazendo-a como que recuar no tempo; e há outros que a fazem como que se lançar ao futuro, vinculando-a à emergência do romance moderno brasileiro.

Não por acaso, portanto, os elementos mais abertamente fantasiosos do texto são justamente aqueles sobre os quais recaem os maiores esforços do narrador para que alcancem plausibilidade. A transformação de Júlio, que na cena inicial tinha “ares de sapo”, em “jovem elegante, de boas maneiras e trato agradável e seguro”, embora lembre um conhecido conto de fadas,⁹ é paulatinamente justificada

⁸ VASCONCELOS. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*, p. 32.

⁹ Segundo Maria Selma de Carvalho, José Murilo de Carvalho e Ana Emília de Carvalho, organizadores de *Histórias que a Cecília contava* (Editora UFMG, 2011), o primeiro registro desse tipo de conto – sobre o príncipe sapo – foi feito, na Alemanha, pelos irmãos Grimm no início do século XIX. Cf. nota na p. 79.

pelo tratamento da doença (à base de – e o vocabulário científico é significativo – *Callioca ipecacuanha*, *Chinchona officialis* e *Chiococca racemosa*) e pela educação que lhe proporcionou seu benfeitor. Informações precisas sobre os bens e os negócios do personagem explicam, ainda, seu enriquecimento. A permanência do sentimento amoroso, improvável, também é motivo de explicação. Do lado de Júlio, as lembranças da menina – além de reforçadas pela presença da periquita – se misturam com reminiscências da infância e do país natal.¹⁰ Quanto a Olaia, além da impressão causada pela cena do passado, circunstâncias ligadas às provações da seca justificam seu desinteresse pelo casamento.¹¹

Essas explicações revelam a presença de um narrador, como diria Meyer, “sensato”, responsável pelas ponderações de pendor realista que dão um contorno mais complexo às personagens – e que, ainda que não alcançando profundidade psicológica, as retira do âmbito da pura alegorização. Raro, ainda, se considerada a data da publicação do texto, é o modo contido com que o narrador se expressa, equidistante tanto do proselitismo didatizante, próprio das narrativas moralizantes, quanto do sentimentalismo exacerbado que seria uma das marcas da tradição folhetinesca.

A essa altura, é conveniente voltar os olhos para a estrutura da narrativa, que se arma como uma estrutura por engaste (*enchâssement*).

¹⁰ “Uma saudade indizível o ligava ao solo que habitava Olaia, não porque este sentimento fosse amor; a idade em que a vira e a rapidez de uma única entrevista não davam lugar a isso, mas era um composto de todas as lembranças e emoções da meninice e de mil cenas de interesse sem igual àquela idade, entre as quais a da fazenda predominava, com todas as circunstâncias pertencentes à aparição angélica da engraçada benfeitora.” (§ 42). Mais à frente, a questão retorna e o narrador insiste: “Ele não amava a pequenina Olaia que vira, mas não podia amar outra”. (§ 47)

¹¹ As sucessivas desventuras de Olaia são arroladas em um parágrafo do texto: a morte do pai e dos irmãos mais novos, a dilapidação dos bens da família pelo irmão mais velho, a penhora da fazenda, a venda dos escravos, e, enfim, a seca, que dá o “último golpe”, com a morte dos gados, forçando-os à fuga para a cidade. (§ 57).

O procedimento, tal como o define Todorov, consiste no encaixe de uma narrativa menor em outra, que a precede e engloba.¹²

Desse modo, a narrativa se inicia em primeira pessoa, contando como o personagem narrador trava conhecimento com o casal protagonista da segunda história: em viagem pelo sertão, o narrador é surpreendido por uma tempestade e acolhido como hóspede numa fazenda. Essa primeira narrativa – que funciona como Prólogo – descreve, então, o casal de personagens que habita a fazenda, sua harmonia amorosa e o ambiente doméstico. A atenção do narrador detém-se, quando o casal o conduz à sala de visitas, na periquita empalhada, no curioso arranjo do enfeite que a adorna, na mistura da sofisticação de uma rica mesa em mosaico com a humildade de um vaso de barro. Para satisfazer a curiosidade do hóspede, Júlio apresenta-lhe um manuscrito de sua lavra, em que conta toda a história. A narrativa que lemos, entretanto, não é uma reprodução da história escrita por Júlio, mas um resumo dela:

Com efeito, às horas de se deitar, o meu hóspede me confiou um manuscrito assaz volumoso, que devorei durante a noite, e do qual, com licença do dono, eu tirei uma cópia. Não o posso dar por inteiro ao público, sendo comprido em demasia; mas julgo que o resumo que dele fiz será digno de atenção dos meus leitores.¹³

O artifício do manuscrito, mais do que estar ligado à criação de um efeito de real,¹⁴ permite o distanciamento do narrador, que, em relação à segunda história, assume posição heterodiegética. A história de Júlio e Olaia passa a ser vista de fora; não estando envolvido emocionalmente, há distanciamento suficiente para o narrador *refletir* sobre ela. Desse modo, o que, na perspectiva de Júlio, se

¹² Cf. TODOROV, Os homens-narrativas, p. 100.

¹³ *Olaia e Júlio, ou A periquita*, § 6.

¹⁴ Nesse sentido trabalha o fecho da narrativa, quando o narrador promete publicar correspondência que teria passado a manter com o protagonista, sugerindo a existência não-ficcional dos personagens.

configura como exemplaridade (“minha Olaia” – diz ele à esposa, que cora ante a entrega do manuscrito –, “não cores outra vez; a narração da boa ação à qual devemos nossa felicidade é digna de ser publicada e de servir de prova de que algumas vezes a virtude recebe da terra o seu prêmio”),¹⁵ para o narrador, consiste em uma história impressionante de amor (“Teria-me sido demasiadamente sensível que a amizade de um par tão perfeito não continuasse além do tempo da visita”, comenta ele).¹⁶

Por outro lado, se o narrador enfatiza o entreccho amoroso, dele se acerca com as precauções cautelosas de sua sensatez (visível no esforço de explicação realista dos aspectos mais fantasiosos da história) e mesmo de seu humor (releiam-se as passagens sobre o desconforto causado pelo hábito de manter a periquita ao ombro e as agruras sofridas pelo pássaro pelo mesmo motivo, além das deliciosas cenas em que aparecem Júlio e o naturalista).¹⁷

Por tudo isso, *Olaia e Júlio ou A periquita* é texto que se faz ler com interesse pelo leitor de hoje, a que certamente soarão familiares não apenas o cenário, como a dicção, contida e bem-humorada, de seu narrador. Ao estudioso da história da literatura não escapará, por seu turno, a interessante posição da narrativa, que faz as vezes de ponte, ou transição, entre as manifestações da literatura didático-moralizante de nossa prosa barroca e neoclássica e o pequeno realismo (a expressão é de Antonio Candido¹⁸), também cheio de humor, d'*A Moreninha*, de Macedo.

*

¹⁵ *Olaia e Júlio ou A periquita*, § 5.

¹⁶ *Olaia e Júlio ou A periquita*, § 63.

¹⁷ Ver, especialmente, § 36 e § 37. Cf. também final do § 45.

¹⁸ Cf. CANDIDO. O honrado e fecundo Joaquim Manuel de Macedo. In: *Formação da literatura brasileira*, v. 2, p. 143.

A inserção de *Olaia e Júlio* na tradição literária brasileira, entretanto, tem de enfrentar a dificuldade de ter sido publicada anonimamente. A hipótese levantada por Marlyse Meyer é de que a autoria seria de Charles Auguste Taunay, filho mais velho de Nicolau Taunay, pintor que chegou ao Brasil com a Missão Francesa de 1816. Além dos motivos alegados pela estudiosa, outra circunstância parece corroborar a suposta autoria: algumas passagens do romance *Inocência*, do Visconde de Taunay (sobrinho de Charles), parecem retomar diretamente elementos de *Olaia e Júlio*,¹⁹ não sendo descabido imaginar que o sobrinho tivesse tido conhecimento e contato com a obra do tio, chegando mesmo a retomar (e reelaborar) um de seus personagens – criando, assim, sua principal obra ficcional.

O interessante é que, apesar de argumentar pela origem francesa da autoria da narrativa – sugerida pela sintaxe e pelo vocabulário –, Marlyse Meyer prefira concluir pela “binacionalidade” da obra, mantendo a tensão que observa entre a brasilidade do enredo e do tema e o tratamento afrancesado da linguagem –, acabando por caracterizar a narrativa como uma “novela franco-brasileira”.

A conclusão não deixa de ser incômoda, apesar de não destoar do modo como tradicionalmente nos acercamos dos primeiros tempos de nossa literatura nacional: apontando-lhe os vínculos com o romance francês. Ou, como afirma Marlyse Meyer, *Olaia e Júlio ou A periquita* simbolizaria, “de saída, por esse amálgama brasileiro-francês, o signo sob o qual se colocaria ‘nossa nascente literatura’”.²⁰

Há de se considerar, entretanto, que, a despeito da nacionalidade do autor, a existência da narrativa em termos de circulação e, portanto, de recepção, parece ter-se restringido ao Brasil. É fato que

¹⁹ Cf. o capítulo XV de *Inocência*, “Histórias de Meyer”, em que episódios que envolvem um viajante estrangeiro naturalista desajeitado e um tanto cômico evocam muito claramente passagens de *Júlio e Olaia*. Cf. TAUNAY. *Inocência*, p. 77-81.

²⁰ MEYER. Uma novela franco-brasileira de 1830, p. 345.

(e a informação é também de Marlyse Meyer), tendo sido publicada originalmente em *O Beija-Flor*, a novela teve uma versão francesa publicada na *Revue Française*, editada no Rio de Janeiro entre maio de 1839 e abril de 1840. Essa revista foi apenas um dos periódicos redigidos em língua francesa no Rio de Janeiro durante o século XIX e, embora dedicada, de início, a divulgar “coisas da França”, não excluiu, como observa a estudiosa, os assuntos brasileiros e americanos, que chegaram, inclusive, a prevalecer, no intuito de “iniciar os patricios nas coisas da terra em que escolheram viver”.²¹

Da publicação da versão em francês, portanto, dificilmente se pode deduzir a divulgação da narrativa fora do âmbito brasileiro e, de fato, pouco ou nenhum sentido ela pode fazer na tradição literária francesa. Em compensação, sua provável “influência”, ou seja, sua incorporação à nossa tradição literária, logo se fez sentir – como se pode argumentar a partir da relação já mencionada com o romance *Inocência*. Ademais, embora seja temerário imaginar uma influência direta em outras obras e autores, o assunto e o tema se tornariam uma constante na tradição literária brasileira. Nessa perspectiva, é de ressaltar a presença do elemento regionalista que, embora distante ainda da elaboração do romance da década de 30 do século XX, dá ensejo a uma apreensão já algo refinada da sociedade brasileira, tal como observa Norma Leles Amaral Pereira, em dissertação sobre a narrativa. Retomo o trecho comentado – em que é narrada a chegada de Júlio na fazenda do pai de Olaia –, a fim de apreciação:

“Vamos laçar o sapo”, gritava um menino de 12 para 13 anos, montado num sendeirinho muito esperto. “Vamos laçar o sapo”, ecoavam outros dois meninos mais moços, a pé, e meia dúzia de moleques de todos os tamanhos, enquanto sete ou oito rafeiros magros acompanhavam esta nova espécie de caça com horrenda ladraria. [...] Entretanto, todos os inimigos, rapazes e cães, o cercavam com grande

²¹ MEYER. Uma novela franco-brasileira de 1830, p. 333-334.

alarido, e já o chefe do bando endiabrado dava ordens a um pardinho de lhe ir buscar o seu laço.²²

Sobre essa passagem, afirma Pereira:

Logo quando o grupo de garotos, sob o comando do irmão mais velho de Olaia, ataca Júlio nas proximidades da casa da família rica, as crianças são qualificadas a partir de suas classes sociais. O narrador refere-se diferentemente aos meninos [...] As crianças denominadas “meninos” são os moradores da fazenda, irmãos de Olaia; as outras crianças, provavelmente agregados ou escravos da família, são qualificadas como “moleques”. Percebe-se mesmo uma gradação na descrição da cena: os “meninos” (o mais velho inclusive montado a cavalo), os “moleques” e os “cães magros”. Mais adiante, o menino rico determina a um moleque que busque seu laço para capturar Júlio. O narrador chama-o de “pardinho” [...] A posição superior do garoto da fazenda em relação às demais crianças é clara. Essa estratificação social permaneceu na sociedade brasileira ao longo de todo o século XIX.²³

Pelo menos um romance do século XX retoma a situação, de maneira muito próxima: em *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, publicado em 1932, Carlinhos, o protagonista, é presenteado com um carneiro, montaria com que eram presenteados os meninos abastados da região açucareira, e é com a naturalidade da perspectiva da criança e da secular hegemonia de classe que se desenham as diferenças sociais:

O Jasmim [é o nome do carneirinho] sabia andar os seus caminhos com segurança [...] Eu parava quase sempre pela porta dos moradores. As mulheres sem casaco, quase com os peitos de fora, faziam renda [...] Os filhos corriam para ver o meu carneiro e pediam uma montada. Ficava brincando com eles, misturado com os pequenos servos do meu avô [...].²⁴

²² *Olaia e Júlio ou A periquita*, § 7-9.

²³ PEREIRA. *Olaia e Júlio, ou A periquita: novela nacional – edição e estudo*, p. 86.

²⁴ REGO. *Menino de engenho*, p. 74.

Os exemplos poderão, talvez, se multiplicar, a cada leitura e a cada repertório atualizado, demonstrando a retomada, por nossa prosa de ficção, seja de temas, seja de técnicas narrativas (a estrutura de encaixe, a descrição particularizante, a contenção da linguagem) presentes em *Olaia e Júlio ou A periquita*; os aqui apresentados pretendem apenas indicar a possibilidade do exercício, e, com isso, confirmar que sua presença na tradição literária brasileira independe da discussão sobre sua autoria.

A bem dizer, a afirmação de sua brasilidade nem mesmo é tarefa a ser cumprida por críticos e historiadores: os laços já foram estabelecidos pela própria literatura brasileira, território a que a encantadora história sertaneja de Júlio e Olaia retorna definitivamente através desta edição, por legítimo direito.

Referências bibliográficas

- BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1966. 8v.
- CARVALHO, Maria Selma de et al. (Org.). *Histórias que a Cecília contava*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- CANDIDO, Antonio. O honrado e facundo Joaquim Manuel de Macedo. In: *Formação da literatura brasileira*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. 2v. p. 136-145.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- FIGUEIREDO, Cândido de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 8. ed. Lisboa: Bertrand, [s.d.]. 2v.
- FREIRE, Laudelino. Anotações. In: *Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa, 1921. p.157-181.
- FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. 5v.
- GAMA, Basílio da. O Uruguai. In: *Basílio da Gama*. Por Mário Camarinha da Silva. Rio de Janeiro: Agir, 1983.
- GRANDE enciclopédia Larousse Cultural*. São Paulo: Universo, 1988. 8v.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LE PETIT Robert*. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1987.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa. [Sel.]. *Os precursores do conto no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Alencar e a "língua brasileira"*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

- MEYER, Marlyse. Uma novela franco-brasileira de 1830. In: *As mil faces de um herói canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. 6. ed. Lisboa: Clássica, 1960.
- PEREIRA, Norma Leles Amaral. *Olaia e Júlio, ou A periquita*: novela nacional – edição e estudo. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2010. [Dissertação de Mestrado.]
- REAL Academia Española. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe, 1931.
- REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [s.d.].
- SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa. 1922. 2v. [Edição fac-similar da segunda edição, de 1813.]
- SUASSUNA, Ariano. *Auto da compadecida*. 31. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1997.
- TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. São Paulo: Ática, 2002.
- TODOROV, Tzvetan. Os homens-narrativas. In: *Poéticas da prosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 95-112.
- TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetins no Brasil* (1830 à atualidade). São Paulo: Duas Cidades, 1994.
- VASCONCELOS, Sandra Guardini. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.